



Al 27 agosto 1973
Liahona

A^{26/8} Liahona^{agosto 1973}

Publicação mensal

d'A Igreja de Jesus Cristo

dos Santos dos Últimos Dias.

NESTE NÚMERO

- 3 **Não Conhecer Nada Senão a Jesus Cristo ...** Presidente Harold B. Lee
- 6 **Furacão** Joyce A. Organ
- 10 **Os Malefícios Do Jogo** Dallin H. Oaks
- 15 **Discipulado Familiar** Henry B. Eyring
- 20 **A Grande Apostasia ...** Hyde M. Merrill
- 23 **Só Para Divertir**
- 24 **De Um Amigo Para Outro** David B. Haight
- 26 **Jonas** Mary L. Lusk
- 28 **As Boas Novas** Thelma Anderson
- 31 **Viver Acima Da Lei Para Ser Livre** Presidente Hartman Rector Jr.
- 34 **O Converso — História Das Autoridades Gerais** Sterling W. Sill
- 35 **Pregai o Evangelho Da Salvação** Presidente Harold B. Lee
- 40 **Altar, Tenda, Poço** Presidente A. Theodore Tuttle
- 43 **Fizemos Convênios Com o Senhor** Elray L. Christiansen
- 46 **E Quanto Aos Sentimentos Feridos, O Que Fazer?** Robert J. Matthews

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Harold B. Lee
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Spencer W. Kimball
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

COMITE DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans, Diretor-Gerente de Comunicações Internas; John E. Carr, Diretor de Distribuição e Tradução; Doyle L. Green, Diretor de Revistas da Igreja; Daniel H. Ludlow, Diretor de Materiais de Instrução.

EDITOR

Larry Hiller

EDITOR RESPONSÁVEL

Osiris G. Cabral

REDATOR

Wilson R. Gomes

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, R. Francisco da Silva Padro, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079 São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 15,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,50; exemplar atrasado: Cr\$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.



Não Conhecer Nada Senão A Jesus Cristo, E Este Crucificado

Presidente Harold B. Lee

Paulo, o apóstolo, fez significativa declaração do propósito de seu ministério definindo em linhas gerais o tema central de todos os seus ensinamentos. Como dedicado ministro da igreja e do reino de Deus, eis o que disse aos coríntios: "E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria."

"Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado." (I Cor. 2:1-2)

Tentarei levar vosso pensamento a entender exatamente o que o Apóstolo Paulo tentou exprimir nesta breve passagem, isto é, que se propunha conhecer nada senão a Jesus Cristo, e este crucificado.

Os profetas antigos, investidos do grande poder de profecia, um dom de revelação do Senhor, predisseram eventos que iriam realmente acontecer, como se estivessem registrando fatos históricos. Referindo-se a esse dote celeste aos profetas de Deus, Morôni registra no Livro de Mórmon sua mensagem

final aos nefitas na qual fala de coisas que estavam para acontecer séculos após seu pronunciamento.

"E eis que eu vos falo como se estivésseis presentes e, entretanto, não estais. Mas por Jesus Cristo me fostes mostrados e conheço vossas obras." (Mórmon 8:35)

Desde o começo dos tempos, profetas devidamente designados por Deus têm recebido, como Morôni, conhecimento de coisas como se estas estivessem acontecendo na sua época; todavia, não era realidade, pois Jesus Cristo apenas as mostrava aos homens santos para que soubessem com certeza o que estava por vir. Como declarou o Profeta Amós: "Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas." (Amós 3:7)

Nenhum acontecimento da história do mundo foi mais claramente revelado, tanto aos profetas do Oriente como do Ocidente, do que o advento de Jesus Cristo ao mundo. Sua identidade e seu relacionamento com Deus, o Pai Eterno, e como "o Deus de toda a terra" foram

claramente expostos quando apareceu ao povo deste continente no país de Abundância depois de sua crucificação e ressurreição.

Eis o registro:

“E aconteceu que o Senhor falou:”

“Levantai-vos e vinde a mim, para que possais meter vossas mãos no meu lado e também tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, a fim de que possais saber que eu sou o Deus de Israel, e o Deus de toda a terra, e que fui morto pelos pecados do mundo.” (III Néfi 11:12-14)

Nesse seu pronunciamento divino, ele deu ao mundo o conhecimento incontestável de que já era Deus antes de vir ao mundo, diferindo do Pai por não ter, no mundo pré-mortal, um corpo de carne e ossos como ele. Recebeu o corpo na vida mortal e subseqüentemente o corpo ressuscitado.

Como explica o Élder James E. Talmage, um de nossos estimados estudiosos do assunto, em sua obra **Jesus o Cristo**: “... Deus, o Pai Eterno, manifestou-se aos profetas e reveladores em muito poucas ocasiões, e então, principalmente, para atestar a autoridade divina de seu Filho, Jesus Cristo.” (p. 38)

Isto o Pai fez por ocasião do batismo de Jesus por João Batista, quando apresentou-o com estas palavras: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.” (Mateus 3:17)

Basta reler as palavras proféticas do Senhor a Adão, Jacó, Abraão, Moisés e muitos outros, para saber que ele mandou ao mundo em cada dispensação e em preparação para o seu advento, o conhecimento indubitável de quem ele é, e da sua missão de redimir a humanidade por meio do plano de salvação, pelo qual todos podem ser salvos através da obediência às leis e ordenanças do Evangelho. (3.ª Regra de Fé)

Por revelação direta a Isaías, ele anunciou o nascimento de Cristo, da jovem mãe virgem. A este profeta foi mostrado que o Santo de Israel seria “desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer”, e que havia de ser ferido e pisado pelas transgressões da humanidade, e

levado ao sacrifício voluntário como uma ovelha ao matadouro. Isaías falou de seu sepultamento num sepulcro de ricos depois de morrer com os pecadores. (Vide Isaías 53)

Não pode haver dúvida de que desde seu nascimento, até os doze anos, o menino Jesus viveu abrigado na sombra do Onipotente. Isto se evidencia no incidente por ocasião das festividades da Páscoa quando José e Maria o encontraram no templo de Jerusalém conversando com os doutores. Certamente todos se lembram de quando Maria, sua mãe, o repreendeu mansamente dizendo: “Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procurávamos”, e ele replica com este significativo lembrete: “... Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” Isto indubitavelmente destinava-se a lembrá-los de seu parentesco maior com o Pai Celestial, não pretendendo ser uma resposta indelicada, e nem poderia sê-lo partindo do Cristo-menino. Todavia, suas palavras não foram em vão, pois conta-nos o registro que “sua mãe guardava no coração todas estas coisas”. (Lucas 2:48-51)

Com o correr dos anos de seu ministério, tornava-se cada vez mais claro aos judeus, que andavam em busca de um líder político para livrá-los do domínio romano, que não era esta a missão dele. Sua única missão era dar ênfase ao lado espiritual da vida e estabelecer um plano de salvação eterno pelo qual, através do seu sacrifício expiatório, toda a humanidade pudesse ser salva desde que obedecesse às leis e ordenanças do Evangelho. Além disto, ele veio como o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”. (Apoc. 13:8) Veio para nos redimir da queda, para tornar-se as primícias da ressurreição, para que todos os que dormissem na tumba pudessem ressurgir da morte, “os que fizeram o bem... para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação.” (João 5:28-29)

Em suma, ele veio para demonstrar ao mundo que é o Unigênito de Deus na carne e para provar por seu supremo sacrifício que é incontestavelmente o Redentor do mundo.

Em suas admoestadoras palavras de adeus ao santos do hemisfério ocidental, após sua ressurreição e permanência entre eles, o Mestre sumarizou para todos que buscam a salvação, o sentido pleno da sua missão. Eis as palavras do Senhor ressurreto aos nefitas deste continente em seu último sermão registrado:

“E nada que seja imundo pode entrar em seu reino; portanto, ninguém entra em seu repouso sem que tenha lavado suas vestes em meu sangue, em virtude de sua fé, do arrependimento de todos os seus pecados e de sua fidelidade até o fim.

“E este é o mandamento: Arrependei-vos, todos vós, extremos da terra; vinde a mim e sede batizados em meu nome, a fim de que sejais santificados pelo recebimento do Espírito Santo, para que possais comparecer sem manchas perante mim, no último dia.”

“Em verdade, em verdade vos digo que este é o meu Evangelho...” (III Néfi 27:19-21)

As Regras de Fé, a declaração dos santos dos últimos dias ao mundo, foram formuladas como um sumário de como exatamente a missão de Cristo e seu sacrifício expiatório se relacionam com a salvação de todos que já viveram ou vivem ou virão a viver sobre a terra, e da qual passo a citar:

“Cremos que, por meio do Sacrifício Expiatório de Cristo, toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho.” (3.ª Regra de Fé)

Uma revelação inspirada da atual dispensação que expõe claramente o acesso obrigatório às chaves de autoridade para que as leis e ordenanças sejam efetivadas na vida dos que aceitam e obedecem aos ensinamentos de nosso Senhor e Mestre, pode ser encontrada na igreja restaurada que ostenta o seu nome:

“Agora, o grande e magno segredo de tudo isto, e o **summum bonum** do assunto todo que está diante de nós, consiste na obtenção dos poderes do Santo Sacerdócio. Aquele a quem são dadas estas chaves não terá dificuldades em obter o conhecimento dos fatos relativos à salvação dos filhos dos homens, tanto mortos como vivos.” (D&C 128:11)

O tema principal de todos os ensinamentos dos verdadeiros discípulos de Cristo deveria ser ensinar todos os homens a conhecer a Deus e Jesus Cristo, a quem ele enviou, conhecimento este indispensável para ganhar a vida eterna.

Em todas as Escrituras o Senhor tem-nos admoestado a manter os olhos fitos unicamente nesta meta eterna — prepararmo-nos para retornar à presença de nosso Senhor e nosso Deus.

No ano passado, a convite do Comitê de Relações Militares da Igreja, recebemos importante visita de um contra-almirante o capelão-chefe da Marinha dos Estados Unidos. O propósito óbvio dessa visita era examinar o treinamento recebido por nossos rapazes antes da recomendação para se qualificar como capelães habilitados nas mesmas condições que os de outras igrejas, cuja qualificação básica é um grau avançado num seminário teológico.

Após visitar alguns de nossos seminários e institutos, a Universidade Brigham Young e os cursos do ROTC* ali oferecidos, o Templo de Provo antes da dedicação, e outros departamentos da Igreja afetos à educação de Jovens e adultos, inclusive o serviço missionário e o programa de reuniões familiares, ele participou de um jantar de despedida com representantes das Autoridades Gerais. Nesta oportunidade fez um breve relato de sua experiência, exprimindo suas impressões e conclusões; a seguir fez esta profunda observação: “A vossa igreja é centralizada em Cristo em todos os seus aspectos. Quisera que a minha e outras igrejas tivessem o mesmo que ofereceis à vossa gente.”

É minha esperança e oração que as palavras do insigne visitante possam exprimir a verdade em todas as nossas atividades e em todos os nossos ensinamentos; que nós, à semelhança do Apóstolo Paulo, resolvamos conhecer nada senão a Jesus Cristo, e este crucificado.

***Reserve Officers Training Corps — Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva**

Furacão

Enquanto súbita e inesperada ventania e tempestade de granizo espalham destruição em uma comunidade do Arizona, os devotos participantes da reunião sacramental sentem o espírito de paz, segurança e confraternidade na capela às escuras.

Joyce A. Organ



Passando os olhos por nossa vizinhança na manhã de segunda-feira, 11 de setembro de 1972, senti-me assombrada pela terrível destruição que a natureza pode causar ao homem e suas obras.

A véspera havia começado como outro domingo qualquer na Ala Alma, Estaca Oeste de Mesa. Nossa família, como muitas outras por toda a Igreja, andava ocupada indo apressadamente de uma reunião para outra, jamais suspeitando que antes de

findo o dia haveríamos de sentir de maneira altamente dramática o toque da mão de Deus sobre nosso coração.

Don, meu marido, estava encarregado do programa para a reunião sacramental, o qual deveria girar em torno da obra missionária. Solicitara a um encantador casal jovem, Ben e Ellie Hill, que contassem sobre a maravilhosa mudança ocorrida na vida deles em virtude de sua conversão e batismo, na esperança de inspirar

aos membros da ala a ajudar aos missionários na procura de gente para ensinar.

De manhã cedo Ellie telefonou para avisar que não poderia comparecer, pois que seu caçula estava muito doente. Disse, porém, que Ben estaria lá. Don então lembrou-se de outro casal convertido, Jack e Jan Wright, e Jack prontamente aceitou a esse pedido de última hora para ser o segundo orador. Então Don acalmou-se sabendo que o programa es-



tava em boas mãos com esses dois excelentes irmãos. Ninguém de nós poderia imaginar que um par de mãos muito mais fortes e amorosas nos estaria protegendo naquela reunião sacramental.

Naquela tarde levamos o casal Wright em nosso carro para a capela. Quando o caminho voltou-se em direção leste, ficamos de frente para os belos Montes da Superstição e pudemos ver uma encantadora formação de nuvens elevando-se sobre eles. Todos comentaram que certamente teríamos uma tempestade durante a noite. Depois, logo nos esquecemos do assunto na antecipação do festim espiritual que nos aguardava na capela.

Depois do serviço sacramental, o primeiro orador foi o Irmão Wright que falou de modo realmente tocante. Contou de sua emoção e gratidão por alguém ter-se importado com ele o bastante para insistir em lhe contar a história do Evangelho até que finalmente concordasse em ouvir as palestras do missionário. Que diferença isso fizera em sua vida! Como é importante que cada um de nós compartilhe o Evangelho com os amigos e quão importante é ser persistente!

Após esse discurso dois irmãos da nossa ala, Tom e David Graff, apresentaram um **pot-pourri** de cantos infantis. Eles cantaram tão maravilhosamente que ninguém se deu conta da crescente escuridão lá fora nem do vento que soprava em fortes rajadas ao redor da capela.

Então levantou-se o Irmão Hill para falar. Mal começara a nos contar o quanto significava o Evangelho em sua vida, quando o rugido da venta-

nia tornou-se quase que ensurdecedor e relâmpagos riscavam sem cessar o firmamento. A congregação começou a dar sinais de inquietação. O vento rugia cada vez mais violento. Subitamente o tamborilar do granizo no telhado tornou-se tão forte que Ben foi obrigado a parar de falar por um momento pois ninguém conseguia ouvi-lo.

De repente, tão subitamente como surgira, a tormenta se aquietou. Então disse Ben, sorrindo:

— Sabem, a caminho daqui esta tarde, lembrei-me de uma promessa do Senhor — a promessa de que nunca mais mandaria um dilúvio.

A congregação reagiu com risos joviais, aliviando a crescente tensão.

Então, tão subitamente como se fora, recomeçou a barulheira e desta vez bem pior do que antes. As luzes da capela se apagaram deixando-nos em completa e total escuridão.

Um as quinhentas pessoas — homens, mulheres e crianças, todos bons vizinhos e irmãos no Evangelho — estavam sentadas ali na capela escura com a fúria do temporal troando e rugindo por sobre elas. O retumbar do granizo batendo no telhado era tão alto que a gente tinha que inclinar o ouvido para entender o que o vizinho dizia.

Mas, a despeito da forte tormenta, reinava uma tal sensação de paz e contentamento que não se ouviu nenhuma manifestação de temor — tampouco uma criança sequer choramingou ou gritou. Todos estavam extremamente quietos — não por medo da tempestade que rugia lá fora, mas em virtude do espírito de paz que havia dentro da capela.

E aquela tranqüila quietude parecia

não ter fim. Então, lá no fundo da capela, alguém começou a cantar mansamente: “Damos graças a ti, ó Deus amado.” Docemente, uma a uma, outras vozes foram-se juntando até que toda a congregação estava cantando. O sentimento de paz harmonizava e modulava nossas vozes como jamais conseguíramos nem nos ensaios de canto da Escola Dominical! De alguma forma as palavras “quando nos sobrevierem os perigos, quando alguém nossa paz ameaçar” vinham tão sentidas, diretamente de cada coração, que me fizeram brotar lágrimas dos olhos. Minha voz foi embargando até que mal conseguia pronunciar o resto da letra.

Ninguém se moveu. Ninguém quebrou a magia da paz e tranqüilidade da maravilhosa mensagem.

“Só em ti nós teremos confiança. Teu grande amor conhecemos, dá-nos sempre, Senhor, tua mão.” Algo me comoveu dentro de meu coração — teria sido isto o que sentiam os santos naqueles tempos difíceis dos primórdios da Igreja?

Ao terminarmos o belo hino, o regente de nosso coro pôs-se a cantar: “Vinde ó santos,” e mais uma vez todos se uniram como numa só voz.

Lá fora continuava a tempestade em toda a sua fúria. Dentro, porém, persistia um maravilhoso sentimento de amor e confraternidade, com a música da nossa tradição mórmon elevando os corações e vozes.

“Rude é o caminho ao triste viajor, mas com fé caminha.” Quando chegamos às palavras: “Tudo bem! Tudo bem!”, eu repentinamente soube. Sim, era assim que os pioneiros sentiam! Tudo **está** bem — mesmo agora. Eu podia sentir o mesmo espírito

irradiando de todas as almas presentes na capela em trevas. Eles também sabiam.

Terminado o canto comovedor, o Irmão Hill voltou ao púlpito e prosseguiu em seu discurso mesmo sem microfone. O fragor da tormenta havia amainado gradualmente e todos continuavam em silêncio enquanto o jovem converso prestava fervoroso testemunho do Espírito.

A seguir, meu marido, Don, explicou o programa missionário exortando-nos a todos que sentíssemos nossas responsabilidades para com nossos semelhantes. Enquanto ele falava na capela ainda às escuras eu tinha certeza de que outros também eram tocados por sua sinceridade, mas poucos conheciam a verdadeira profundidade do que dizia como eu e o Irmão Hill e o casal Wright, pois fora ele o missionário que havia ensinado aquelas excelentes pessoas.

Quando terminou, um irresistível sentimento de paz e felicidade irradiava de todos nós, apesar de ter sido uma das mais estranhas reuniões jamais presenciadas realizada em meio aos rugidos de um furacão e por mais de quarenta e cinco minutos em total escuridão!

O bispo então se dirigiu aos presentes dizendo que após a última oração deveríamos ir para casa com muito cuidado, pois a tormenta causara muitos estragos, havendo árvores e fios elétricos derrubados pelas ruas e estradas.

Ao sairmos da capela não podíamos acreditar no que viam nossos olhos! Galhos de árvores e frondes de palmeira espalhados por toda parte — e o mais surpreendente de tudo, montes de granizo nas sarjetas

e regos brilhando à luz dos faróis dos carros. Granizo no quente e seco Arizona!

A caminho de casa encontramos as ruas alagadas e muitas linhas de força caídas, bloqueando as estradas. Só então começamos lentamente a compreender o acontecido e sentimos-nos muito gratos que a família inteira estivesse junta na casa do Senhor, o lugar onde deveríamos estar!

Chegando a nosso bairro a cena era fantástica. Telhados arrancados de algumas casas foram levados pelo ar e “depositados” sobre outras. As janelas estilhaçadas pelo granizo. A rua diante de nossa casa estava atulhada de vigas, tábuas, portas e montes de granizo.

Por um milagre, porém, nenhuma casa das pessoas de nossa vizinhança que estavam na capela havia sofrido danos mais sérios. De nossa casa foram arrancadas apenas umas poucas telhas e duas telas de janela.

Todo mundo rapidamente trocou de roupa para ajudar aos vizinhos mais atingidos. Minhas duas filhas mais moças e eu recolhemos algumas crianças dessas famílias e cuidamos de seu jantar. Todo e qualquer esfregão, pano de chão, balde e mesmo roupa de cama foram arrecadados para limpar e enxugar a água nas casas vizinhas.

Apesar do absurdo daquela noite, não foi senão na manhã seguinte quando demos uma vista d'olhos na área, que compreendemos a extensão dos estragos. Lembrando-nos do espírito de paz reinante na capela, fomos até lá para verificar se houvera algum dano. Não há palavras para descrever o reverente pismo

com que ficamos diante dela vendo-a erguer-se serena e bela em meio à destruição e ao caos. Não havia uma única telha fora do lugar! Nenhuma janela quebrada! Até mesmo a esguia agulha continuava ereta, tesa encimando a torre. E a não mais de trinta metros atrás da capela viam-se dois fortes postes de luz de um campo de **baseball** retorcidos e caídos ao chão.

A direção em que esses postes caíram mostrava claramente que o furacão soprara diretamente para leste, arrancando telhados e rugindo através de um terreno aberto de uns trezentos e cinquenta metros para o campo de **baseball**. Dali, como que se fora levantada uma barreira invisível em torno da capela, a ventania literalmente saltou por cima do prédio, baixando na frente dele, onde a menos de quinze metros se viam montes de galhos quebrados e retorcidos. Depois seguiu pela rua abaixo, deixando seu rastro de escombros e destruição por diversas quadras. Em apenas quinze minutos mais ou menos, o furacão causara prejuízo de mais de um milhão de dólares numa área de quase vinte mil metros quadrados, deixando o chão coberto de granizo, sendo que alguns do tamanho de uma bola de golfe.

Porém, em meio a toda essa terrível destruição, o Senhor havia protegido seus santos. Não admira, pois, que tivéssemos aquele maravilhoso espírito de tranquilidade! Tudo **está** bem!

A Irmã Organ, uma mãe de família, serve como regente de Escola Dominical na Ala Alma, Estaca Oeste de Mesa (Arizona).

“A Igreja sempre tem sido e é inalteravelmente contrária ao jogo, seja qual for.

É contrária a qualquer jogo de azar, ocupação ou pretensão negócio que tome dinheiro de uma pessoa a ele aficionada sem retribuir o valor recebido.

Opõe-se a todas as práticas cuja tendência seja incentivar o espírito de especulação temerária, e particularmente às que tendem a degradar ou debilitar o elevado padrão moral que os membros da Igreja e nossa comunidade em geral, sempre mantiveram.”

Presidente Heber J. Grant

A atração fundamental exercida pelo jogo sempre tem sido o fascínio de “conseguir algo por nada”.

Em sua forma mais simples, apostar é o ato de arriscar algo de valor no resultado de um jogo ou evento determinado em parte ou inteiramente pelo acaso. A atitude da Igreja com respeito ao jogo está claramente definida na seguinte declaração do Presidente Heber J. Grant e seus conselheiros na Primeira Presidência de 1.º de setembro de 1925:

“A Igreja sempre tem sido e é inalteravelmente contrária ao jogo, seja qual for. É contrária a qualquer forma de jogo de azar, ocupação ou pretensão negócio que tome dinheiro de uma pessoa a ele aficionada sem retribuir o valor recebido. Opõe-se a todas as práticas cuja tendência seja incentivar o espírito de especulação temerária, e particularmente às que tendem a degradar ou debilitar o elevado padrão moral que os membros da Igreja e nossa comunidade em geral sempre mantiveram.

“Por conseguinte recomendamos e instamos a todos os membros da Igreja que se abstenham de participar de qualquer atividade contrária ao parecer aqui exposto.”

Pronunciamentos posteriores de líderes da Igreja deram em mais detalhes os motivos desta posição intransigente.

O jogo de azar é um mal antigo, há muito reconhecido como tal. Alguns jogos de azar orientais remontam comprovadamente a 2100 A.C. No antigo Egito as pessoas condenadas por jogo cumpriam pena de trabalhos forçados nas pedreiras. O jogo de azar é denunciado no código hindu, no Alcorão, no Talmude, e mesmo Aristóteles condenava os jogadores.

A jogatina era muito disseminada na Idade Média, especialmente entre a nobreza. Mas mesmo os aficionados dos jogos de azar mostravam-se dispostos a reconhecer seus malefícios, pelo menos para os outros. A legislação da Inglaterra e a da França procuravam neutralizar os efeitos nocivos dos jogos de azar nos servos, porque os induzia à indolência ou levava-os a negligenciar a prática com arco e flecha, pondo em perigo a segurança nacional.

Uma das formas mais populares de jogo de azar era a loteria, permitida entre a classe trabalhadora e muito comum nos países de língua inglesa nos séculos dezessete e dezoito. A Rainha Izabel proclamou a primeira loteria estatal

Os Malefícios Do Jogo

Dallin H. Oaks

na Inglaterra em 1576. Em 1660 houve mesmo uma loteria para resgatar súditos ingleses retidos como escravos em Túnis na Argélia, e nas galeras turcas. Nas primeiras décadas do século passado a loteria estava tão disseminada nos Estados Unidos que só no Estado de Nova York existiam perto de duzentas casas lotéricas. Em 1832 a receita bruta da venda de bilhetes de loteria ultrapassou os sessenta milhões de dólares, o que significava cinco vezes o orçamento total do governo norte-americano.

Diz-se que as loterias eram um meio popular de financiar grandes projetos porque na época existiam poucos bancos dignos de confiança. Por isso não havia outra maneira de conseguir grandes somas de dinheiro, senão juntando grande número de pequenas somas dos cidadãos de poucos recursos.

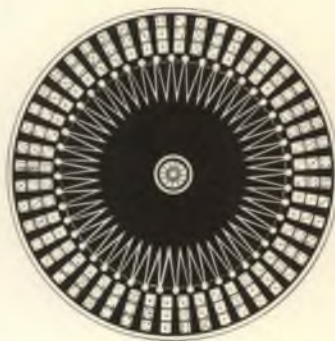
Seja qual for o mérito da questão, na primeira metade do século XIX houve uma revolta pública contra as lotéricas. Por volta de 1850 muitas constituições estaduais já proibiam as loterias e outras formas de jogo. Em muitos estados estas mesmas medidas constitucionais continuam impedindo ainda hoje a jogatina legalizada e por isto estão sendo combatidas.

A oposição às lotéricas surgiu primeiro na Inglaterra em 1773, quando a cidade de Londres solicitou à Câmara dos Comuns que abolisse as loterias por estarem prejudicando o comércio do reino e ameaçando o bem-estar e prosperidade do povo. Em 1808 a Câmara dos Comuns nomeou um seletor comitê para investigar os malefícios das loterias. O relatório desse comitê, o qual contribuiu para abolir as lotéricas na Inglaterra anos mais tarde, é tão atual que poderia ter sido escrito na semana passada em vez de há mais de cento e sessenta anos.

O comitê apresentou casos de pessoas que antes viviam em conforto e respeitabilidade e foram reduzidas à miséria e desgraça; casos de desavenças domésticas, assaltos e destruição da paz familiar; e casos em que o pai abandonou a família, a mãe negligenciou seus filhos, esposas roubavam ao marido os ganhos de meses e anos de trabalho, de gente empenhando roupas, camas, alianças etc. a fim de poder jogar.

"Em outros casos," afiançava o comitê, "filhos haviam roubado aos pais, servos aos patrões; houve suicídios e quase todos os cri-

Sempre que, como santos dos últimos dias, adotamos um tipo de conduta inconsistente com a companhia do Espírito do Senhor, temos que pagar um preço enorme. Privados da influência sustentadora desse Espírito, tornamo-nos vulneráveis à tentação, propensos a criticar e sujeitos a ser jogados de lá para cá pelas forças do mundo e as obras do maligno.



mes imagináveis tiveram como causa direta ou indireta, a influência perniciosa das lotéricas...”

Em seu relatório final, o comitê concluía que o fundamento do sistema lotérico era tão radicalmente vicioso que não existia método de regulamentação imaginável que permitisse ao Parlamento adotá-lo como fonte eficaz de recursos, despendo-o ao mesmo tempo de todos os malefícios acompanhantes.

Numa época em que as loterias estaduais são tão apregoadas como excelente meio para obter os fundos públicos necessários, convém recordarmo-nos de que a loteria é a forma mais regressiva de aumento das rendas fiscais. Ainda mais que no impopular imposto sobre vendas, seu peso recai principalmente sobre as camadas mais pobres da população, pois são estas que mais se dedicam a esse tipo de jogo.

Existem pelo menos cinco razões para que os líderes da Igreja insistam que nos abstenhamos de jogos de azar e combatamos essa prática maléfica em nossa comunidade.

Primeiro, a jogatina debilita os valores éticos do trabalho, industriiosidade, poupança e serviço — fundamentos da prosperidade nacional — oferecendo o engodo sedutor de conseguir algo por nada. Além disso ela encoraja a ociosidade com todos os seus resultados maléficos para a sociedade.

Joseph F. Smith, sexto presidente da Igreja, deu esta ênfase à importância da ética do trabalho no Evangelho de Jesus Cristo:

“Sentimos ser impossível que os homens sejam realmente bons e fiéis cristãos sem que também seja um povo bom, fiel, honesto e trabalhador. Por isso pregamos o evangelho da economia, o evangelho da sobriedade. Pregamos que o ocioso não comerá o pão do trabalhador e que o ocioso não tem direito a uma herança em Sião.”

O Presidente Stephen L. Richards da Primeira Presidência (1879-1959) disse que o jogo “baseia-se no pressuposto de que um tem que perder para outro ganhar”. A seguir declarou que o elemento “sorte” no jogo leva os jogadores a crer que ele é a influência controladora e dominante na vida. “E certas pessoas ficam tão obcecadas com isso que não conseguem imaginar ou pensar em outra maneira qualquer



de aumentar seus meios ou rendimentos do que arriscar sua sorte no jogo."

O segundo mal do jogo é que ele incentiva a ganância e cobiça, envolvendo e encorajando inevitavelmente o hábito vil de enganar e fur-tar nossos semelhantes. Um ministro metodista, Lycurgus M. Starkley Jr., da Escola de Teologia St. Paul de Kansas City, no Missouri, concluiu uma investida contra a jogatina com estas palavras que devem soar como doutrina familiar a todo santo dos últimos dias:

"O verdadeiro amor cristão ao próximo se oporá a qualquer prática que estorve o crescimento do espírito humano em direção à semelhança de Cristo ou que destrua as estruturas da justiça na sociedade. O cristão abster-se-á voluntariamente de jogar e de endossar publicamente quaisquer de suas formas, por reconhecer que o jogo é prejudicial ao propósito da vida conforme revelado em Jesus Cristo."

O terceiro malefício do jogo é sua tendência para corromper o participante. Todos nós conhecemos casos em que funcionários leais arruinaram sua vida e trouxeram desgraça e tragédia para si próprios e seus familiares roubando o dinheiro do empregador. Muitas vezes a história sórdida pode ser atribuída à tentativa desesperada de pagar dívidas de jogo ou para financiar nova jogatina.

A tentação sofrida pelo jogador é de tal monta que os ocupantes de cargos de responsabilidade no governo ou empresas privadas evitam contratar ou conservar funcionários sabidamente aficionados do jogo. Ao enumerar os efeitos indesejáveis do jogo, é preciso mencionar o fato de que a jogatina é muitas vezes acompanhada pela ingestão de bebidas alcoólicas e por outros vícios.

Um quarto mal, citado por pessoas não preocupadas com os efeitos morais do jogo, é o extraordinário desperdício de tempo que envolve. Os que esbanjam horas e horas jogando, freqüentemente o fazem em prejuízo da família e do trabalho.

O tempo desperdiçado no jogo adquire ainda maior importância quando consideramos que muitas pessoas dadas ao jogo acabam viciadas nele. O falecido Elder Richard L. Evans, do Conselho dos Doze (1906-1971) dizia o seguinte:

"A inclinação pelo jogo é uma coisa pro-

A inclinação pelo jogo é uma coisa progressiva. Geralmente seu início é modesto; depois, como muitos outros hábitos perigosos, vai crescendo até tornar-se incontrollável. Na melhor das hipóteses é uma perda de tempo que não leva a nada. Na pior, torna-se uma obsessão ruinosa e favorece um falso modo de vida encorajando a crença vã de que podemos obter continuamente algo em troca de nada."

Richards L. Evans



**Após uma tarde ou
noite jogando cartas
nada mudou, não
acrescentou-se nenhum
novo conhecimento,
pensamento ou visão,
não foram produzidas
novas esperanças
ou aspirações, exceto
de mais outra
oportunidade para
desperdiçar horas preciosas.
Não leva a parte
alguma; é uma
rua sem saída.”**

John A. Widtsoe



gressiva. Geralmente seu início é modesto; depois, como muitos outros hábitos perigosos, vai crescendo até tornar-se incontrolável. Na melhor das hipóteses é uma perda de tempo que não leva a nada. Na pior, torna-se uma obsessão ruinosa e favorece um falso modo de vida encorajando a crença vã de que podemos obter continuamente algo em troca de nada.”

A quinta e final condenação do jogo infere-se dos outros malefícios já abordados. Sempre que, como santos dos últimos dias, adotamos um tipo de conduta inconsistente com a companhia do Espírito do Senhor, temos que pagar um preço enorme. Privados da influência sustentadora desse Espírito, tornamo-nos vulneráveis à tentação, propensos a criticar e sujeitos a ser jogados de lá para cá pelas forças do mundo e as obras do maligno.

Não pode haver dúvida de que o jogo embota a sensibilidade espiritual dos que dele participam. E nesse terrível efeito podemos identificar talvez a influência mais perniciosa e duradoura. O Élder John A. Widtsoe do Conselho dos Doze (1872-1952) emprestou vívida expressão a esse pensamento:

“Aqueles que jogam, que perseguem a sorte, sofrem degeneração do caráter, tornam-se espiritualmente frouxos, acabam como inimigos de uma sociedade sadia. Uma casa de jogo, por melhor instalada que seja, é o lugar mais feio da terra. Os participantes, tensos, vivem inclinados sobre as mesas num silêncio quebrado somente pelo agitar sinistro das asas das trevas. Paira ali a sempre presente sensação de horror de um perigo desconhecido. É o lar do próprio demônio.”

O que falei a respeito de jogatina deve ser entendido como incluindo jogo de cartas a dinheiro, apostas em corridas de cavalo ou partidas desportivas (inclusive os tais “bolos” entre colegas de trabalho por ocasião dos campeonatos mundiais), todos os tipos de jogo de azar oferecidos nas casas de jogo, loterias, rifas, bingo a dinheiro e jogo de dados.

Sugiro ainda que o mesmo espírito de jogatina, o mesmo apostar imprudente numa reviravolta casual, caracterizam certas formas de investimentos. Os mesmos males que acompanham o lançamento de dados por dinheiro podem atingir a pessoa que arrisca seu dinhei-

ro num investimento altamente especulativo de ações ou mercadorias. Nesta questão não conheço prova melhor do que a sugerida pelo Presidente Joseph F. Smith, que dizia:

“O elemento sorte entra em grande escala em tudo que empreendemos, e devemos lembrar que a intenção com que fazemos as coisas determina em grande parte se estamos especulando ou participando em empreendimentos comerciais legítimos.”

Um dos tipos de jogo de azar vigorosamente criticado por nossos líderes é o jogo carteadado. Naturalmente pode-se jogar cartas sem ser a dinheiro, mas a relação existente entre jogar cartas e jogatina é tão próxima e a prática do carteadado em si participa de tantos dos inconvenientes dos jogos de azar, que o jogo de cartas veio a ser condenado seja ou não a dinheiro.

O Élder Widtsoe critica o jogo carteadado pelos motivos de transformar-se em hábito e ser uma perda de tempo. Diz ele:

“Vem-se observando por séculos de experiência que o hábito de jogar cartas tende a arraigar-se na pessoa e cresce a ponto de ela achar que um dia sem jogar é incompleto.

“Após uma tarde ou noite jogando cartas nada mudou, não surgiu nenhum novo conhecimento, pensamento ou visão, não foram produzidas novas esperanças ou aspirações, exceto de mais outra oportunidade para desperdiçar horas preciosas. Não leva a parte alguma; é uma rua sem saída... Estúpida e estéril a vida que não procura mergulhar na rápida e progressiva corrente de novos conhecimentos e poderes. É preciso tempo para “acompanhar os tempos”. Não ousemos desperdiçar tempo em passatempos que depauperam a alma.”

Hoje em dia, com as crescentes e persuasivas propostas de legalização do jogo, necessitamos de maior determinação. Todos nós deveríamos usar de nossa influência como cidadãos para combater as tentativas de utilizar os malefícios do jogo como meios para realizar alguns supostos benefícios sociais. Deveríamos também atender o conselho dos líderes da Igreja que são “inalteravelmente contrários a qualquer forma de jogo” e que sempre nos aconselham que nos conservemos limpos e ímpolutos dos pecados do mundo.

Discipulado Familiar

Henry B. Eyring

Muitas vezes as crianças nos dão uma grande lição. Reconheci isto mais uma vez relendo meu diário pessoal. O anotado em 28 de janeiro de 1972 diz respeito ao meu filhinho de dois anos e diz, em parte:

“Matthew deu-me uma lição. Ele chorou na cama esta noite, a meu ver sem razão. Pediu diversas vezes que eu limpasse seu nariz ou segurasse o lenço enquanto o assoava. Depois de ter-me levantado três ou quatro vezes, entrei no quarto dele perguntando:

— Você quer que eu lhe dê umas palmadas?

Ele fez que sim com a cabeça. Perguntei novamente, ilustrando as palavras com a mão levantada. Ele confirmou que sim.

Subitamente meu coração se enterneceu ao compreender que sua confiança em mim era tão grande que se eu achava que uma surra resolveria o seu caso ele concordava. Embalei-o por uns momentos e então percebi que ele estava com o nariz entupido por um resfriado incipiente. Este fora o motivo de seu desconforto. Arranjei-lhe uns lenços de papel, pu-los na cama dele dizendo que se assoasse à vontade. Ele agradeceu e eu voltei para a cama — um homem com sua merecida lição.”

Aqui temos um garotinho de dois anos dando novo exemplo no discurso do Rei Benjamim:

“Porque o homem natural é inimigo de Deus, tem-no sido desde a queda de Adão e sê-lo-á para sempre, a não ser que ceda ao influxo do Espírito Santo, se despoje do homem natural, tornando-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor, chegando a ser como criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai.” (Mosíah 3:19)

Sem dúvida, Matthew e as outras crianças de início são como o Rei Benjamim diz que devem terminar: submissos. Mas, com demasiada freqüência cometemos o erro de, como pais, dirigirmos nossos esforços e preocupação em manter os filhos submissos a nós e à nossa liderança. Esquecemos que o Rei Benjamim colocou o problema em termos diferentes para nós — como transferir a submissão natural da criança para o Senhor Jesus Cristo? Como ajudamos nossos filhos a seguir o Senhor em voluntária submissão?

Disciplinado
Familiar





Nós podemos ter muito maior esperança de sucesso na direção de nossa família se virmos o problema em termos de ajudá-los a se alinhar conosco na fila encabeçada e dirigida pelo Salvador.

Por que a criança antes submissa deixa de sê-lo? Porque ela perdeu a fé. Se a criança pudesse ver o Mestre à frente da fila ou tivesse certeza de que ele a dirige, ela continuaria sensível à sua liderança, pois que o caminho certamente levaria à felicidade. Ser seguidor é um ato de fé, e deixar de seguir é prova de perda de fé.

Algum dia, um Matthew já mais crescido me olhará suspeitosamente quando eu disser:

— Mesmo que todos seus colegas se vistam assim é melhor que você não o faça.



Que dura prova de fé isso não será para ele! Será que então concordará em mudar de roupa como concordou em apanhar? Isto dependerá de algumas coisas que não posso controlar, porém outras eu posso. Não podemos exercer controle absoluto sobre nossos filhos nem sobre tudo que lhes acontece. Porém, podemos dirigir nossa conduta de três maneiras que criarão a necessária fé para que nos sigam.

Primeiro, podemos familiarizar nossos filhos com o Salvador por meio da oração e das Escrituras. Eles não poderão vê-lo dirigindo a família com seus olhos físicos, mas poderão sentir sua realidade. Isto quer dizer que precisamos fazer mais que apenas ensinar-lhes a mecânica da oração ou simplesmente pô-los diante das Escrituras.

Um dos propósitos da oração em família e da prece

peçoal deve ser a busca de experiências espirituais para os filhos. A prece noturna ao pé da cama e as orações familiares pela manhã e à noite pouco sentido tiveram para meu filho Henry até o dia em que, aos seis anos de idade, se viu perdido tentando achar o caminho de casa através de dez quilômetros de região desconhecida. Ele corria chorando quando, em desespero, precipitou-se para uma moita de arbustos a fim de orar. Como contou depois em tom de admiração:

— Antes mesmo de eu começar a orar, apareceram duas pessoas e perguntaram se eu precisava de ajuda. Uma hora mais tarde ele estava em casa.

Existe até mesmo possibilidade de um pai obter experiências espirituais para um filho que já deixou de ser submisso. Lembrem-se do anjo que apareceu a Alma, o filho rebelde, dizendo:

“Eis que o Senhor ouviu as orações de seu povo, e também as orações de seu servo Alma, que é teu pai; porque tem orado com muita fé a teu respeito, para que tu sejas levado ao conhecimento da verdade; portanto, para esse fim é que venho; para convencer-te do poder e autoridade de Deus, e para que as orações de seus servos possam ser respondidas, de acordo com a sua fé.” (Mosíah 27:14)

Podemos também ler as Escrituras com os nossos filhos de maneira que os predisponha a sentir segurança espiritual e que os faça sentir nossa familiaridade com as Escrituras e o Mestre. Em um discurso na Universidade Brigham Young, o Presidente Marion G. Romney narrou sua experiência de ler o Livro de Mórmon com o filho. Disse ele:

“Estávamos lendo em voz alta, alternadamente, os parágrafos daqueles três últimos maravilhosos capítulos de II Néfi. Ouvi a voz dele falhar e pensei que estivesse resfriado. Prosseguimos a leitura até o final dos três capítulos. Ao terminarmos, ele me disse:

— Papai, o senhor alguma vez já chorou ao ler o Livro de Mórmon?

— Sim, filho, — respondi. — Às vezes o Espírito do Senhor me testifica tão fortemente que o Livro de Mórmon é verdadeiro que chego a chorar.

— Bem, — comentou, — foi isto que aconteceu comigo hoje.

Isto pode acontecer conosco e nossos filhos quando arranjamos uns momentos a sós com eles, quando ficamos a sós com eles o tempo necessário para ler três capítulos e quando podemos dizer honestamente: — Sim, filho, eu também choro.”

Um segundo aspecto do mundo de nossos filhos que podemos controlar é a felicidade e alegria que lhes exibimos quando a serviço do Senhor. Isto importa muitíssimo para a pessoa decidir se quer ou não submeter-se. Será o fardo do Mestre realmente leve? Servir traz alegria? A resposta para tais perguntas nossos filhos encontrarão em nossas faces, voz e atos, provavelmente ao fim de um longo, longo dia do Sábado ou em outras horas de tensão ou tragédia.

Jamais ouvi meu pai orar pela “paz que excede todo o entendimento”, mas podia senti-la em seu sorriso quando íamos às reuniões da Igreja. Quando aparentava aborrecimento era porque eu estava demorando para me aprontar e não pelo fato de irmos. Acho que nunca pensei em deixar de ir porque nunca vislumbrei tal exemplo. E vi aquela mesma paz ao sairmos do hospital uma hora após a morte de minha mãe. Deixou-me só e entrou novamente a fim de agradecer às enfermeiras e médicos, mais preocupado com eles do que consigo próprio. Ele não o disse, mas eu sabia que o fardo era leve porque confiava no Mestre. Assim como Matthew confiou em mim.

As perguntas do Élder Mark E. Petersen insinuam o paradoxo de querermos incitar os filhos a um serviço no qual, pessoalmente, não nos regozijamos:

“Se os pais não conhecem a emoção de uma consciência limpa, poderão ensinar essa alegria a seus pequeninos?

“Se os pais nunca conheceram a satisfação proveniente do pagamento de um dízimo honesto, poderão plantar a semente de obediência a esta lei no coração dos filhos?

“Se os pais jamais descobriram o genuíno valor de santificar o Dia do Sábado, poderão ensinar os filhos a guardá-lo?

Se os pais nunca captaram a visão de uma vida pura, poderão retratá-la a seus familiares?

“Se os pais nunca entraram no templo, poderão ensinar aos filhos as grandes vantagens do casamento no templo?

“Se pai e mãe jamais pensaram no valor de uma missão, poderão criar no coração dos filhos o desejo de fazer missão?

“Se os próprios pais não se converteram plenamente ao Evangelho, poderão converter realmente seus filhos?” (A Faith to Live By [Bookcraft, 1959] pp. 112-13)

Uma terceira experiência que podemos controlar é dar a nossos filhos encargos que edifiquem a fé de que Cristo realmente guia os seres humanos que se submetem a ele. Com tal fé, será muito mais fácil acreditar que papai pode estar certo quando dá uma ordem aparentemente desarrazoada depois de buscar orientação divina. Léhi nos deu o grande exemplo na educação de Néfi. Este diz, no primeiro capítulo do Livro de Mórmon, que “tendo nascido de boa família, fui, portanto, instruído sobre alguma coisa de todo o conhecimento de meu pai...” (I Néfi 1:1) Mas Pai Léhi fez muito mais que isso. Ele deu a Néfi a oportunidade de saber que Deus guia os homens e mulheres submissos, mesmo nos detalhes, em meio a perigos e dificuldades. Léhi mandou os filhos voltarem a Jerusalém em busca das placas de Labão. Porém, somente Néfi tirou daquela missão perigosa o grande proveito de saber por si mesmo que o Mestre nos dirige. Diz ele:

“E, sendo já noite, eu lhes disse que se escondessem fora das muralhas. E depois de se terem eles

escondido, eu, Néfi, penetrei na cidade e me dirigi à casa de Labão.

"E fui conduzido pelo Espírito não sabendo de antemão o que deveria fazer." (I Néfi 4:5-6)

Ele conseguiu as placas e retornou em segurança com os irmãos para junto dos pais. Além da grande bênção de dispor das placas como Escrituras para sua posteridade, Léhi obteve uma inestimável experiência para seu filho. Néfi teria fé para seguir "um visionário" pois sabia que o Mestre realmente dirige os homens.

Podemos ver os frutos dessa experiência beneficiando Léhi na liderança da sua família. Lutando para sobreviverem no deserto, ele teve grande dificuldade em conservar a fé dos filhos na sua liderança. Num momento particularmente difícil, Néfi quebrou seu arco fazendo com que o medo de morrer de fome recrudescesse os sentimentos de rebelião em alguns dos familiares de Léhi. Néfi fez um novo arco com as próprias mãos e depois, em lugar de simplesmente sair em busca de caça, voltou-se ao pai dizendo: "Aonde deverei ir para obter alimento?" Então Néfi relata: "E ele perguntou ao Senhor..." (I Néfi 16:23-24)

Néfi era submisso ao pai, pelo menos em parte, por causa de experiências que o convenceram de que Deus responde as orações mesmo em se tratando de questões de somenos. Fora Léhi que sabiamente fornecera as oportunidades para Néfi descobrir isto por si mesmo. Podemos dar à criança responsabilidade em condições tais que provavelmente a façam recorrer a Deus em busca de orientação. Tendo tal experiência, torna-se muito mais fácil para ela sentir-se confiante e segura em seguir um pai que também busca essa ajuda.

Certo pai de família, depois de pedir orientação ao Senhor, reuniu os familiares antes de decidir-se a aceitar um emprego em outra cidade. Pediu o conselho da família quanto à conveniência de mudarem, dando-lhes a oportunidade de se dirigir ao Senhor e receber eles próprios a resposta sobre o que fazer. Depois de terem orado, sentiram-se inspirados, exatamente como o pai, de que ele deveria aceitar o tal emprego. Assim pois, por ter-lhes dado a oportunidade de obter a mesma resposta espiritual que ele recebera, os familiares foram capazes de acreditar e seguir seu conselho.

Por difícil que seja fazer com que os filhos nos sigam, pode ser pelo menos tão árduo, fazer com que nossa esposa aceite nossa direção. Muitos de nós têm esposas de grande capacidade, profunda fé e muita fortaleza; ainda assim, em Doutrina e Convênios o Senhor parece sugerir que tanto a esposa do Profeta, Emma, como as nossas deveriam ser submissas. Diz ele: "Continua em espírito de mansidão, acautelando-te contra o orgulho. Deixa que a tua alma se deleite em teu marido e na glória que sobre ele virá." (D&C 25:14)

Como pode uma mulher forte aceitar isso? Doutrina e Convênios parece oferecer uma resposta específica para tal pergunta:

"Nenhum poder ou influência pode ou deve ser man-

tido por virtude do Sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido: Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo." (D&C 121:41-42)

Seria difícil encontrar melhor conselheiro matrimonial. A mais capaz, a mais fiel e a mais forte das mulheres certamente sentir-se-á confiante em seguir um líder que, com amor não fingido, usa de persuasão, bondade e longanimidade.

E novamente é-nos dito que se exercermos retamente o nosso Sacerdócio, "... então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e, como o orvalho dos céus, a doutrina do Sacerdócio se destilará sobre a tua alma.

"O Espírito Santo será teu companheiro constante e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade; e o teu domínio um domínio eterno e, sem medidas compulsórias, que fluirá a ti para todo o sempre." (D&C 121:45-46)

Conquistar a fé dos filhos e da esposa exigirá não só uma mudança de coração em muitos de nós, como também a coragem para perseverar. Até mesmo excelentes pais às vezes perdem a fé em algum de seus familiares. Léhi sofreu esse desapontamento e perseverou; ele foi mesmo avisado de que iria sofrer esses desapontamentos. Em sonho ele se viu acenando para que a família o seguisse ao doce fruto do Evangelho mas Lamã e Lemuel se recusaram. Para quase todos nós um sonho assim bastaria para nos amargurar e fazer desistir de querer liderar. Mas não foi esta a reação de Léhi. Ainda nos últimos momentos de sua vida Léhi continuava a ensinar todos os seus familiares, instando em que seguissem a Jesus Cristo. Em suas sabidamente quase últimas palavras à família, dizia ele: "Despertai, meus filhos, cingi a armadura da justiça. Sacudi as correntes com que estais amarrados, saí da obscuridade, levantai-vos do pó." (II Néfi 1:23)

A esperança paterna de que os filhos o seguissem poderia parecer trágica tendo-se em vista apenas os poucos anos de vida de Léhi e a rebeldia de Lamã e Lemuel. Agora porém, sua esperança está se concretizando nas ricas bênçãos derramadas sobre a sua semente, os lamanitas de nossos dias. Com sua perseverança, com seus incessantes acenos para seguirem ao Salvador, Léhi ainda hoje exerce influência sobre a sua família. E milhares estão abraçando o Evangelho e criando uma posteridade virtuosa — a posteridade de Léhi.

Não podemos assegurar obediência perfeita de todos os nossos filhos, mas podemos cultivar em nossa família a fé de que Cristo vive, que servir a ele traz alegria, e que ele fala aos que procuram segui-lo. E o filho submisso ouvirá a sua voz e nos seguirá assim como nós seguimos ao Mestre.

O Dr. Eyring, diretor do "Ricks College" em Rexburg, Idaho, serve como sumo-conselheiro na Estaca Rexburg.

A Grande Apostasia Segundo Eusébio de Cesaréia

“Voltando o olhar dezessete séculos atrás, beneficiados pela visão que nossa posição no tempo proporciona, ficamos impressionados pelo grande número de referências de Eusébio a respeito de apostasias e heresias dentro da igreja.”

Um dos mais fascinantes períodos históricos são os primeiros séculos da era cristã. Sua importância para os santos dos últimos dias talvez seja ultrapassada somente por nossa ignorância a respeito deles. Todavia existiram historiadores naqueles tempos, historiadores que retrataram simples e tragicamente a sina da Igreja restabelecida por nosso Senhor durante seu ministério terreno. Eusébio, um dos primeiros historiadores cristãos, de fato testemunhou e descreveu os princípios da grande apostasia que, em última análise, tornou necessária a restauração do Evangelho.

Eusébio nasceu por volta de 260 A.D., provavelmente em Cesaréia, porto mediterrâneo a oeste e um

pouquinho para o sul do Mar da Galiléia. Ele distinguiu-se por sua erudição quando moço, foi aprisionado por seus pontos de vista religiosos em 309 e novamente em 311, e em 314 foi feito bispo de Cesaréia. Ali tinha acesso a uma grande biblioteca fundada por Panfílio, sacerdote de Cesaréia martirizado a 16 de fevereiro de 309; além disso, podia consultar a biblioteca de Jerusalém. Ele era um autor consciencioso e metucioso e que, não obstante, produziu quarenta e seis obras. Faleceu em 339 ou 340, dois ou três anos após a morte de Constantino, o imperador romano, a quem admirava imensamente e que foi batizado por ele. Uma de suas maiores obras foi a **História Eclesiástica**, em dez volu-

mes, provavelmente escrita pouco antes de 326, na qual narra os acontecimentos na igreja desde a morte dos apóstolos até o triunfo de Constantino.

Um dos aspectos marcantes do mormonismo é seu conceito do relacionamento entre Cristo, Deus, o Pai, e esta terra; por exemplo, nosso conhecimento de que o Deus do Velho Testamento, Jeová, o Deus de Israel, era em realidade Jesus Cristo. Este conhecimento era compartilhado por Eusébio, perdendo-se posteriormente na confusão generalizada a respeito da natureza da Trindade. Diz ele:

“O Marechal e Criador do universo concedeu ao próprio Cristo... seu Unigênito, a formação de seres

inferiores, e discutiu com ele a criação do homem: 'E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança.'

"Estes dizeres são confirmados por outro profeta, o qual em hinos o deifica assim:

'Ele falou, e foram gerados;
Ordenou, e foram criados.'

O Pai e Criador é por ele apresentado dando ordens como o soberano supremo por decreto imperial; o Verbo divino, que ocupa o lugar abaixo dele — ninguém mais senão Aquele a quem proclamamos — como promotor das ordens de seu Pai."¹

"Eusébio argumenta, muito detalhadamente, que Cristo era conhecido pessoalmente pelos antigos."

"Mas é óbvio que eles conheciam o próprio Cristo de Deus, uma vez que ele apareceu a Abraão, instruiu Isaque, falou a Israel e conversou livremente com Moisés e os profetas que vieram mais tarde. Obviamente temos que considerar a religião proclamada em anos recentes a todas as nações pelos ensinamentos de Cristo como nada mais nada menos que a primeira, a mais antiga e mais primitiva de todas as religiões, descoberta por Abraão... (a quem) foi anunciado um oráculo... por Deus — o próprio Cristo, o Verbo de Deus — o qual se mostrou a ele."²

Este conceito de Cristo e da eternidade do Evangelho é emocionantemente familiar e perfeitamente claro para o leitor SUD. Todavia, um dos tradutores de Eusébio, um anglicano, resume a corrente ignorância secular ao admitir:

"O ponto de vista de Eusébio de que as aparições divinas do Velho

Testamento eram aparições de Cristo (em forma humana embora ainda não nascido como homem) parecem-nos impossível. Mas já teremos resolvido o problema de reconciliar as histórias de encontros de homens com a Deidade, com a afirmação de João de que homem algum jamais viu Deus?"³

Numa passagem que demonstra claramente tanto seu entendimento da natureza de Cristo como do processo de apostasia que começava a insinuar-se na igreja e que estava fadada a culminar na perda desse precioso conhecimento, Eusébio escreve:

"Berilo,... bispo de Bostra na Arábia, perverteu a verdadeira doutrina da Igreja e tentou introduzir idéias estranhas à Fé, sustentando de fato que nosso Salvador e Senhor não preexistiu em sua própria forma de ser antes de fazer morada entre os homens e que não possuía divindade própria mas apenas o que havia do Pai dentro dele."⁴

Um dos ofícios do Sacerdócio que costuma ser mal interpretado quase que igualmente por mórmons e gentios, é o chamado dos setentas. Se Eusébio compreendia ou não realmente sua função não se pode dizer. Contudo, ele ocasionalmente se refere a eles coletiva e individualmente:

"Há evidência de que Matias, o que tomou o lugar de Judas na lista de apóstolos, e o outro homem honrado como ele no lançar da sorte, haviam ambos sido chamados como setentas, Tadeu, igualmente, consta ter sido um deles... Além dos setentas havia outros discípulos do Salvador."⁵

Eusébio cita uma fascinante histo-

riazinha a respeito do trabalho missionário e curas realizadas por "Tadeu, um dos setentas" depois da crucificação do Salvador, indicando que o chamado de setenta era ofício fixo na mais primitiva igreja, e que as responsabilidades desse ofício não terminaram com a primeira missão na qual o Senhor enviou os setentas. (Vide Lucas 10:1-12)

Eusébio cita Clemente de Alexandria (teólogo e educador cristão grego, cerca de 150-215 A.D.) numa passagem em que faz referência aos setentas:

"Após sua ressurreição, o Senhor confiou a Tiago, o Justo, João e Pedro o conhecimento maior. Estes transmitiram-no aos outros apóstolos, e os outros apóstolos aos setentas, um dos quais era Barnabé."⁶

Voltando o olhar dezessete séculos atrás, beneficiados pela visão que nossa posição no tempo proporciona, ficamos impressionados pelo grande número de referências de Eusébio a respeito de apostasias e heresias dentro da Igreja. Uma das mais perniciosas foi o ensino da doutrina do celibato:

"Clemente (de Alexandria)... dá uma lista dos apóstolos que eram casados. Isto faz por causa daqueles que condenam o casamento. Diz ele: 'Condenarão também os apóstolos? Pois Pedro e Filipe tinham filhos, e Filipe deu suas filhas em casamento. Na verdade, Paulo não hesita em dirigir-se à esposa em uma de suas cartas. Era só para facilitar sua missão que não se fazia acompanhar por ela.'"⁷

Voltando a citar Clemente:

Consta que quando o abençoado Pedro viu sua mulher às portas da morte, ficou contente por ela ter sido

chamada e estar retornando ao lar, e falou-lhe em tom de muito estímulo e conforto, chamando-a pelo nome: 'Minha querida, lembra-te do Senhor.' Assim era o casamento dos benditos e o profundo sentimento deles para com o ente mais querido."⁸

Eusébio também cita irineu (130-200 A.D.), bispo de Lion:

"... o grupo de pessoas chamadas encratitas pregava contra o matrimônio, rejeitando assim o clássico plano de Deus e condenando implicitamente o criador de macho e fêmea cujo propósito é a geração do gênero humano... Eles negavam igualmente a salvação do primeiro homem.

"Isto foi introduzido por eles quando um certo Taciano foi o primeiro a propor tal blasfêmia. Ele havia sido discípulo de Justino (mártir cristão, 100-165 AD) e enquanto permaneceu na companhia deste não produziu nada desse jaez; após o martírio de Justino, porém, ele apostatou a Igreja. Exaltou-se com a idéia de ser um mestre, envaidecendo-se a tal ponto que se julgava superior aos demais. Engendrou sua própria doutrina, contando histórias imaginárias de invíveis leões... e... denunciava o matrimônio como corrupção e fornicção."⁹

Esta passagem é extremamente interessante pois que mostra de fato, não só que os primeiros líderes se opunham tenazmente à doutrina do celibato, como também que desvios da verdade estavam surgindo no meio dos membros da Igreja.

Eusébio descreve o desenvolvimento da apostasia na Igreja desde os primeiríssimos dias. Falando do primeiro século, diz ele:

"... [Hegesipo (100-180 AD)] ao descrever o período [quando morre-

ram os últimos contemporâneos do Salvador]... acrescenta que até então a Igreja se conservara uma virgem pura e imaculada. Os que tentavam corromper a viçosa lei da mensagem do Salvador, mantinham-se ocultos nas espessas sombras da escuridão, se é que existiam tais pessoas. Mas quando os membros do sagrado grupo de apóstolos atingiram o fim da vida de diversas maneiras, e havia desaparecido a geração privilegiada que ouvira pessoalmente a sabedoria de Deus, então começaram a arraigar-se a impiedade do erro através de falazes propagadores de falsidades. Não restando com vida nenhum dos apóstolos, eles tentavam contrariar abertamente a mensagem de verdade com a proclamação de um pretenso e falso conhecimento."¹⁰

"Mais tarde, ao se amenizar a perseguição de fora, surgiram dissensões dentro da própria Igreja."

"Mas com a maior liberdade deu-se uma transformação em nós. Entregamo-nos ao orgulho e à indolência. Demo-nos à inveja e abuso recíprocos. Combatimo-nos uns aos outros sempre que houvesse ocasião, usando as palavras como arma e lança. Líderes lutavam contra líderes, e leigos formavam facções contra leigos. Indizível hipocrisia e dissimulação chegou às raias extremas do mal!"¹¹

Quando, finalmente, sob o reinado de Constantino, ser cristão não era apenas seguro mas também prudente, encontramos estranhos insinuando-se na Igreja por razões de ambição pessoal:

"Havia também a indescritível hipocrisia de homens que se insinuavam na Igreja e assumiam o nome

e a aparência de cristãos. Em virtude da sua benevolência e boa índole, e como sua fé era verdadeira e seu caráter sincero, [Constantino] depositou confiança nos que se diziam cristãos e fingiam extrema afeição por ele."¹²

Os escritos de Eusébio retratam vividamente as condições da Igreja após a morte dos apóstolos, vistos de um ponto no tempo em que as doutrinas já estavam começando a ser corrompidas, quando o verdadeiro sacerdócio já fora perdido. A morte trágica de tantos dos líderes inspirados, a influência terrível do pagão Constantino, e o relato de apostasia após apostasia, tudo isto é encontrado na **História Eclesiástica**.

Em suma, creio que a Igreja de Cristo foi-se perdendo gradualmente e que todas as Igrejas de hoje não ensinam a doutrina pregada pelo Mestre. Os escritos de Eusébio são apenas mais um testemunho da veracidade desta asserção.

O Irmão Merrill, engenheiro eletricitista, está fazendo o curso de doutorado no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. É membro da Ala Cambridge, Estaca Boston, e serve atualmente como professor do seminário.

1 G.A. Williamson (tradutor): Eusebius, The History of the Church from Christ to Constantine (Baltimore: Penguin Books, 1965), pp. 34-35.

2 Ibid., pp. 47-48.

3 Ibid., p. 48.

4 Ibid., p. 270.

5 Ibid., pp. 64-65.

6 Clement, Outlines, Livro VIII, citado em Williamson, p. 72.

7 Clement, Miscellanies, Livro III, citado em Colm Luibheid (tradutor): Eusebius, The Essential Eusebius (New York and Toronto: New American Library, 1966), p. 115.

8 Clement, Miscellanies, Livro VII, citado em Williamson, p. 140.

9 Irenaeus, Against the Heresies, Livro I, citado em Luibheid, pp. 135-46.

10 Luibheid, p. 117.

11 Ibid., p. 138.

12 Ibid., p. 208.

Só Para Divertir

BRINCADEIRA COM NÚMEROS

Multiplique sua idade por 2, adicione 5, multiplique por 50, e depois subtraia 365. Some qualquer número de sua livre escolha entre 1 e 100, e acrescente mais 115. O primeiro ou os dois primeiros algarismos do resultado será a sua idade, e o resto será igual ao número escolhido.



QUEBRA-CABEÇA DE PONTINHOS

Carol Conner

Qual o animal marinho que pode ficar debaixo da água por uma hora mas tem que vir à tona para respirar?



Resposta: A baleia.

Nossa Vaca

Meu pai morreu quando eu tinha nove anos, deixando mamãe sozinha para criar os filhos. Mamãe era sábia. Ela achava que meninos e meninas, igualmente, deviam ter coisas para fazer. Nas pequenas cidades mórmons, “coisas para fazer” significavam tarefas fora de casa e deveres dentro de casa. Minhas tarefas incluíam rachar lenha para o fogão da cozinha, juntar as folhas secas com ancinho e aparar a grama.

Colher o feno era divertido! Eu gostava de ajudar a estocar feno no ce-

leiro. Depois meus amigos e eu costumávamos ir brincar ali, rolando pelo monte de feno ou brincando de esconder. Como ficávamos excitados quando ocasionalmente achávamos um ninho com ovos de galinha escondido entre o feno!

Mamãe sabia que devíamos ter mais o que fazer na vida do que só trabalhar e brincar. Por isso costumava ler conosco as belas histórias da Bíblia. Ela nos ensinou a cantar, a gostar da Igreja e a orar.

Mamãe sempre tinha em casa uma vaca para que os filhos tivessem o que chamava de “um pouco de verdadeira responsabilidade”. Isto incluía ordenhar a vaca todas as manhãs, provê-la de feno do celeiro, e levá-la ao bebedouro no rio próximo de manhã cedo e à tarde. A não ser que cumpríssemos esses encargos, a vaca teria que passar fome e sede.



Élder
David B. Haight
Assistente do
Conselho dos
Doze

De Um Amigo Para Outro



Às vezes, quando acontecia de eu chegar um pouco tarde em casa, eu desejava não ter que cuidar da bendita vaquinha.

Certa noite, ao chegar em casa, descobri que ela havia derrubado a cerca e fugido. Procurei em todos os lugares costumeiros, mas não pude encontrá-la. Vasculhei então todos os locais imagináveis — nada. Começava a ficar escuro e eu estava desesperado. Sabia que mamãe ficaria preocupada se soubesse que a vaca havia sumido. Nós vendíamos leite para alguns vizinhos e podia vê-los esperando por mim com o leite fresco.

Como me lembro bem daquela noite! Eu fora ensinado a orar e sabia que podia pedir ajuda a nosso Senhor. Perto do canal havia uma pequena moita de arbustos; uma vez ali, tirei meu boné, caí de joelhos e expus meu pro-

blema ao Senhor, pedindo que me ajudasse a encontrar a vaca.

Depois de orar, comecei a andar pela ribanceira do canal, e apenas uns poucos metros além de onde eu havia orado, encontrei nossa vaquinha. Ela estava praticamente escondida entre os altos salgueiros junto ao canal, pois que tinha a pelagem praticamente da mesma cor. Senti-me grato por minha oração ter sido atendida e por nosso Pai Celestial ter guiado meus passos para onde ela estava.

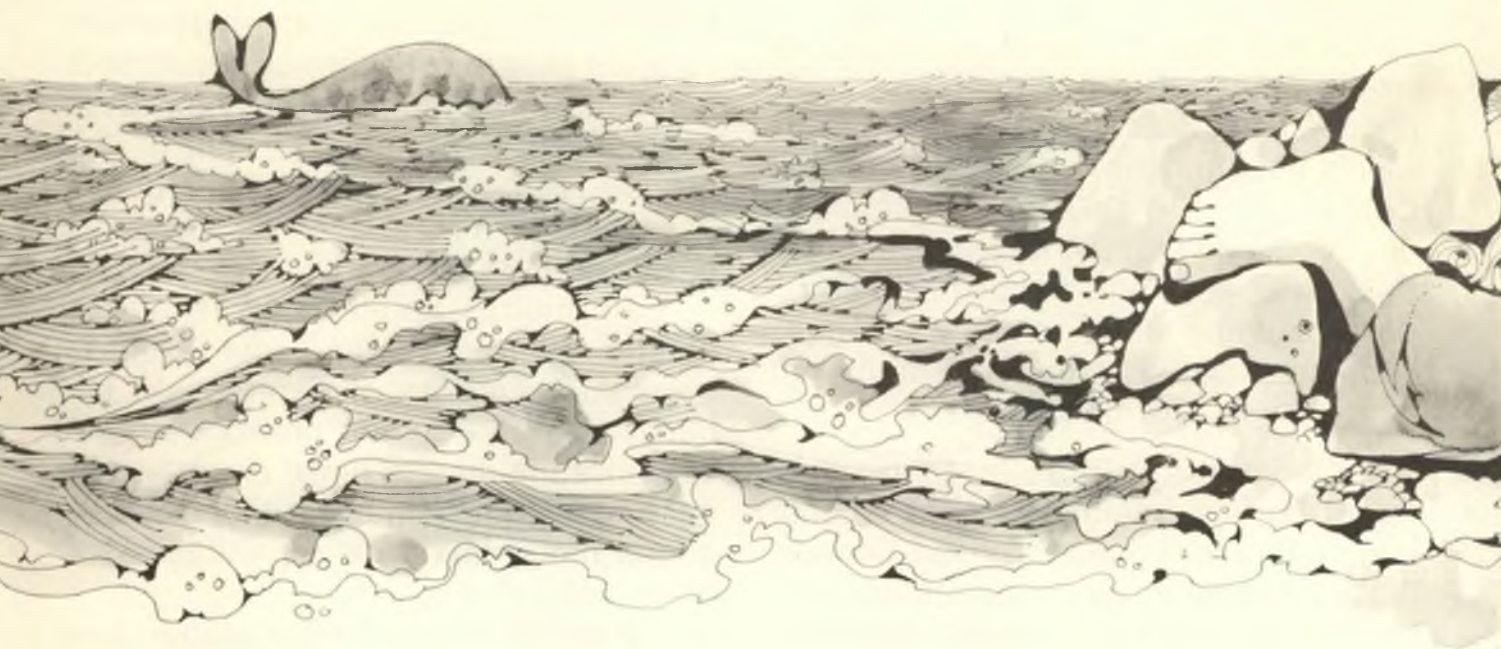
As muitas noites que mamãe se ajoelhou junto à minha cama a fim de me ensinar a orar, ajudaram-me a saber como falar com nosso Pai nos céus. Desde aquela noite em que orei por ajuda junto à moita de arbustos, nunca mais deixei de rogar orando a orientação divina.

E eu sei que o Senhor responde a nossas orações.



Jonas

Mary L. Lusk



E veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: — Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim.

Jonas, que conhecia a maldade daquela cidade, pensou: **Ninguém ali acredita em Deus. De que valeria eu pregar-lhes o Evangelho?**

Então Jonas se levantou e fugiu para Jope, onde encontrou um navio de partida para Tarsis. Ele pagou sua passagem e subiu a bordo, pensando que assim conseguiria afastar-se da presença do Senhor.

Jonas desceu para o seu lugar no porão do navio, deitou-se e adormeceu. Enquanto dormia o Senhor mandou soprar um vento muito forte que fazia o navio dançar sobre as ondas enormes. Os marinheiros assustados puseram-se a clamar aos deuses deles, porém de nada adiantou — o vento e os vagalhões não diminuíam.

Então o mestre do navio foi a Jonas dizendo:

— Levanta-te, invoca o teu Deus!

E os marujos perguntaram a Jonas se acaso sabia a razão do mal que os atingira. Queriam saber quem ele era e donde viera. Jonas respondeu-lhes dizendo:

— Eu sou hebreu, e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca.

Depois contou aos marujos que o Senhor mandara a tempestade porque ele, Jonas, tentara fugir da presença dele.

— Que te faremos nós, para que o mar se acalme? — gritaram os marinheiros.

Jonas, sentindo remorso de ter causado tamanha dificuldade àqueles homens, respondeu:

— Levantai-me e jogai-me ao mar, e o mar se aquietará; porque eu sei que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade.

Mas os marujos não queriam fazer isso. Procuraram firmar o barco e levá-lo para a terra firme, mas nada conseguiram.

Assim, acabaram lançando Jonas ao mar, e logo este acalmou sua fúria. Então os ho-



mens sentiram medo do Senhor e fizeram votos a ele.

O Senhor, porém, havia providenciado que um enorme peixe engolissem Jonas. E este passou três dias e três noites no ventre do peixe.

Jonas orou ao Senhor e disse-lhe que estava arrependido de sua rebeldia e prometia fazer tudo quanto o Senhor lhe ordenasse.

Então o Senhor fez com que o peixe vomitasse a Jonas, lançando-o sobre a terra firme. E então veio a palavra do Senhor pela segunda vez a Jonas, dizendo:

— Levanta-te, e vai à grande cidade de Nínive, e prega contra ela a pregação que eu te disse.

Assim pois, Jonas levantou-se e foi a Nínive, onde pregou as palavras do Senhor, advertindo o povo de que a cidade seria destruída dentro de quarenta dias. O povo deu ouvidos a Jonas e o coração deles foi tocado e eles se arrependeram.

Deus, vendo as boas obras daquele povo, salvou a cidade. Jonas, porém, ficou aborrecido porque o Senhor não destruiu Nínive. Na

verdade ficou tão ressentido que pediu para morrer.

— Pois, — dizia ele — melhor me é morrer do que viver.

Jonas foi-se embora da cidade e armou uma cabana não muito distante a leste dela, e assentou-se à sua sombra.

E o Senhor fez nascer uma aboboreira, que subiu por cima de Jonas fazendo sombra sobre a sua cabeça, a fim de que se sentisse menos infeliz. E Jonas ficou contente com a sombra da aboboreira.

Ao amanhecer do dia seguinte, Deus mandou um bicho que feriu a aboboreira fazendo-a secar. E quando veio o sol, Deus mandou um forte vento leste; e o sol, batendo na cabeça de Jonas fê-lo desmaiar. Então Jonas voltou a se lamentar:

— Melhor me é morrer do que viver.

Deus perguntou a Jonas se acaso estava zangado pelo fato da aboboreira ter secado. Jonas respondeu que era isso mesmo. Então o Senhor mostrou seu grande amor pelos homens ao fazer Jonas ver por que não havia destruído Nínive:

— Tiveste compaixão da aboboreira, na qual não trabalhaste, nem a fizeste crescer; que numa noite nasceu, e numa noite pereceu. E não hei-de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive em que estão mais de cento e vinte mil homens?





As Boas Novas

Thelma Anderson

Lá ao longe na tundra, um lobo uivou. O lamento lúgubre foi-se elevando, elevando no ar parado e gélido, até Igamuk sentir um formigamento eriçar os cabelos da nuca. Voltou-se para o lado de onde vinham os sons quando um segundo lobo respondeu. Ficou aguçando o ouvido por um momento e depois deu de ombros. Os lobos provavelmente estavam caçando um caribu, mas Igamuk tinha coisa mais importante em que pensar. Dentro da cabana de dois cômodos sua mãe estava dando à luz um bebê. Para ele não podia haver coisa mais emocionante, pois não tinha nenhum irmão ou irmã. Oh, como esperava que fosse um irmãozinho!

Igamuk entrou na cabana e sentou-se no chão, pondo-se a

brincar com uma bola de pele de animal. Jogava a bola para o alto e aparava-a com as mãos, os olhos escuros brilhando de felicidade.

Vendo a avó sair do quarto de dormir, o garoto se pôs de pé, perguntando ansioso:

— O bebê chegou?

Sua avó sacudiu a cabeça, mostrando um olhar preocupado na face enrugada.

— As coisas não andam bem, — explicou. — E eu não sei mais o que fazer.

Igamuk, olhando nos olhos preocupados da avó, sentiu um calafrio tão gelado como a noite ártica percorrer-lhe a espinha.

— Mas o que vai ser da mãe e do bebê?

— Sua mãe precisa de um médico — falou a velha. — Mas com o hospital tão distante, são uns cento e cinquenta quilômetros, e seu pai longe no barco de pesca, como é que nós, uma velha e um garotinho, poderíamos fazer sua mãe chegar ao médico?



— É... o avião seria um meio. Mas como avisar o pessoal do avião? Nós não temos rádio. O rádio mais próximo fica a três quilômetros, lá no posto comercial. Não posso deixar sua mãe sozinha, e mesmo que pudesse, duvido que conseguiria chegar até lá. E você é muito pequeno para ir sozinho.

— Eu vou sim, vovó, — disse Igamuk com voz decidida. — Eu consigo chegar até lá e pedir que o chefe do posto chame o avião.

— Você tem certeza de que não vai-se perder? — perguntou ansiosa a avó. — Faz tanto frio e estamos na época das noites longas. Logo estará escuro.

— Eu sei encontrar o caminho, — retrucou Igamuk puxando o capuz de pele sobre a cabeça e metendo as mãos nas mitenes.

— Garoto corajoso você é, — comentou a avó aprovadamente. — E está certo que vá. Não há mais ninguém para ir.

Igamuk disse adeus e saiu. O ar gelado parecia ferrear o seu nariz e a neve rangia debaixo dos pés como centenas de camundongos guinchando. Igamuk caminhava o mais depressa que podia em direção do distante posto comercial, às vezes tropeçando pelos montes de neve. Logo a luz da cabana foi sumindo na escuridão e ele ficou só — apenas um pontinho de nada na vastidão branca, irreal. Igamuk correu até cansar. Depois andou um pouco, voltou a correr e andou novamente.

De repente Igamuk viu dois lobos saindo sorrateira e silenciosamente da escuridão atrás dele. **Lobos não caçam gente**, disse a si mesmo. **Eles caçam somente caribus**. Mas seu coração batia assustado enquanto procurava caminhar com passos firmes acompanhado do pisar macio atrás dele — dois grandes vultos pardos furejando seu rasto e aproximando-se cada vez mais.

Esquadrinhando o terreno à sua frente, Igamuk não conseguia ver nada senão a brancura sem fim.

Os lobos continuavam a se-

Igamuk ficou calado, olhando fixamente para a avó.

— O avião, vovó! — gritou excitado. — O avião pode vir buscar mamãe e levá-la ao hospital!



gui-lo e Igamuk sabia muito bem que não devia correr nem demonstrar medo. Por isso tirou uma das mitenes de pele e a deixou cair. Enquanto os lobos pararam para farejar o achado, o garoto se esforçava para distinguir algo à sua frente, mas continuava tudo escuro, sem nenhum ponto de luz.

Igamuk conseguiu ganhar um pouco de terreno enquanto as feras curiosas examinavam a mitene, porém não demorou percebê-los novamente em seu encalço.

Repentinamente Igamuk pôde ver as luzes do posto comercial cintilando à distância. Teve vontade de correr, mas forçou-se a continuar andando pois os lobos estavam-se aproximando novamente. Calmamente tirou a outra mitene.

Se conseguisse distrair os lobos por mais um pouco, pensou consigo, daria para chegar mais perto do posto e assim ficaria livre deles. Então jogou a mitene diretamente em cima deles. Os lobos, surpresos, deram um salto para trás, para depois aproximarem-se cautelosamente do objeto felpudo caído na neve.

Igamuk obrigou-se a manter os passos em ritmo firme e constante em direção aos pontos de luz cintilante, e não demorou já dava para perceber os contornos das edificações do posto. Chegando mais perto

do vilarejo, os lobos estacaram, ficaram observando por um momento e depois desapareceram nas sombras da noite.

Igamuk irrompeu pela porta do posto comercial.

— Senhor, mamãe está muito mal! — gritou. — Ela precisa ser levada para o hospital, agora mesmo!

O negociante estava justamente enchendo umas caixas de papelão; imediatamente ligou a chave do seu rádio de ondas curtas e num instante estava falando com o aeroporto da cidade mais próxima, cento e cinquenta quilômetros ao sul.

Depois, voltando-se para o garotinho ansioso, falou:

— Vão mandar agora mesmo um avião para pegar sua mãe e levá-la ao hospital. Expliquei ao piloto onde fica a cabana de vocês. Logo, logo sua mãe será atendida por um médico e tudo sairá bem.

Igamuk ficou ajudando o negociante enquanto esperava o ronco do avião. Parecia terem-se passado horas e horas até que chegou. Quando ouviu o ronco do motor passar novamente sobre o posto, Igamuk soube que sua mãe estava a caminho do hospital.

— Muito bem, — disse o ne-

gociante. — Agora vamos descansar e esperar pela mensagem radiofônica sobre a chegada do bebê. Certo, Igamuk?

Igamuk fez que sim. As horas custaram a passar, mas finalmente ouviu-se o sinal de chamada do rádio. O negociante colocou os fones e ficou escutando.

— Você ganhou um irmãozinho! — informou com um largo sorriso.

Quando Igamuk quis dizer alguma coisa, o encarregado do posto levantou a mão.

— Espere um pouco. Tem mais. Você tem dois irmãozinhos! Gêmeos!

Igamuk ria, ria. Depois pôs-se a dançar e pular, gritando:

— Dois irmãos! Dois irmãozinhos! Isso é duas vezes melhor do que um irmão!

— Lógico, — comentou o negociante. — Vamos, Igamuk. Vamos juntos levar as boas-novas à vovó. Vou levá-lo para casa no meu trenó motorizado.

Igamuk estava tão feliz e contente que nem se lembrava mais dos lobos e das mitenes perdidas enquanto o trenó deslizava sobre a imensidão nevada. Mal podia esperar para ver o contentamento da avó quando lhe desse as boas-novas duplicadas!



Viver Acima Da Lei Para Ser Livre

Presidente Hartman Rector Jr.

Do Primeiro Conselho dos Setenta

Se me permitís, gostaria de dirigir umas poucas palavras à juventude de Sião seguindo o exemplo do Irmão Hanks. Eu os quero muito e eles sabem disso.

A história de José, o filho de Jacó a quem chamavam de Israel, é uma vívida ilustração da grande verdade que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus." (Vide Rom. 8:28) José parecia fazer sempre a coisa certa; porém, ainda mais importante, ele a fazia pela razão correta. E como isto é muito, muito significativo! José foi vendido como escravo pelos próprios irmãos, e acabou sendo comprado por Potifar, capitão da guarda do Faraó. Mas mesmo como servo cativo, José transformava qualquer experiência e todas as circunstâncias, por mais difíceis que fossem, em algo de bom.

Essa aptidão para tornar tudo em algo de bom parece ser uma característica divina. Nosso Pai Celestial sempre é capaz de consegui-lo. Qual-

quer coisa, por mais calamitosa que seja, transforma-se em vitória para o Senhor. José, embora escravo sem absolutamente merecê-lo, não obstante conservou-se fiel ao Senhor e continuou a viver os mandamentos, e fez algo de muito bom de suas condições degradantes. Pessoas como ele não podem ser vencidas, porque jamais desistem de lutar. Elas têm a atitude correta, positiva, e parecem ater-se sempre ao conselho de Dale Carnegie:¹ "Se o destino lhe der um limão, você pode queixar-se por ser muito azedo, ou então fazer uma limonada. Tudo depende da gente.

O fracasso deixa de existir em face da persistência." Assim, o Senhor favoreceu José, e o amo dele viu que o Senhor estava com ele e fez dele o supervisor de sua casa e pôs nas mãos dele tudo o que possuía. Tinha confiança tão irrestrita naquele moço excepcional que não se preocupava em manter registro algum de suas posses.

Naturalmente uma pessoa tão no-

tável costuma seduzir o sexo oposto, e José não foi exceção. A mulher de Potifar que era, digamos assim, de caráter um tanto duvidoso, tentou seduzir José; mas este era inacessível porque confiava e dependia do Senhor. Ele tentou chamá-la à razão dizendo:

"...meu senhor... entregou em minha mão tudo o que tem;

"Ninguém há maior do que eu nesta casa, e nenhuma coisa me vedou, senão a ti, porquanto tu és sua mulher..." (Gên. 39:8-9)

Depois, seria de esperar que terminasse essa declaração com uma profissão de lealdade ao seu amo em virtude do apreço pela confiança nele depositada por Potifar. Mas não foi assim; sua explicação por que não podia ceder aos desejos dela mostra a verdadeira força desse moço excepcional. Diz ele: "...como pois faria eu este tamanho mal, e pecaria contra Deus?" (Gên. 39:9) Com este argumento José mostrou que estava decidido a fazer o certo, e acima de

De José que foi vendido no Egito: uma lição sobre como guardar os mandamentos de Deus.

tudo pela razão certa. Esta razão — porque amava o Senhor.

Oh, sim, é ótimo a gente ser leal para com o patrão, os amigos ou mesmo a família. A lealdade é irmã da honestidade; e quem não é honesto, na verdade não é grande coisa. Ninguém é bom para si mesmo se mente a si mesmo. Isto se chama racionalizar, mas no fundo é mentir mesmo. Ninguém é bom para seus amigos se não merece a confiança deles. Ninguém é bom para o Senhor se não lhe serve para nada — a não ser, é óbvio, se fosse como mau exemplo. Quando a gente comete um erro, nem tudo está perdido. Sempre se pode ser usado como mau exemplo.

José demonstrou vívidamente por que era favorecido pelo Senhor, ou, como dizem as Escrituras, por que “o Senhor estava com ele, e tudo o que ele fazia, o Senhor prosperava.” (Gên. 39:23) Sua segurança estava no Senhor, confiava no Senhor e sua fidelidade era para com ele.

Creio ser esta a maior lição que pode ser aprendida pela juventude de Sião — fazer a coisa certa por amor ao Senhor. Isto é de tão vital importância que, a meu ver, se fazeis qualquer coisa justa por outra razão que não o amor ao Senhor, estais errando — pelo menos, estais pisando em terreno pouco seguro. E, mais cedo ou mais tarde vossas razões para agir retamente não terão força suficiente para ampará-los no momento crítico. Então, começareis a ceder às conveniências, ou pressões sociais, honra, fama, aplauso, ou à emoção do momento, ou outro motivo mundano qualquer. A não ser que vossos motivos estejam firmemente

alicerçados sobre o amor do Senhor, não sereis capazes de resistir.

Parece que hoje em dia tudo está em estado de transformação. Aparentemente não resta nada nesta vida que não esteja sujeito à corrosão, ou decadência ou a modificações pelo simples prazer de mudar — como os novos modelos de automóveis a cada ano. Existe somente um único lugar aonde podemos ir e encontrar consistência, e este é aonde foi José — ao Senhor, pois ele “é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente”. E o mais importante, é que não podeis ir a lugar algum em que ele não esteja. Como diz o salmista:

“Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face?

“Se subir aos céus, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também.

“Se tomar as alas da alva, se habitar nas extremidades do mar.

“Até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá.

“Se disser: Decerto que as trevas me encobrirão; então a noite será luz à roda de mim.

“Nem ainda as trevas me escondem de ti; mas a noite resplandece como o dia; as trevas e a luz são para ti a mesma coisa.” (Salmos 139:7-12)

Seja andando na lua, ou devassando a imensidade e vastidão do espaço, ou nas profundezas do mar ou nos ermos mais remotos da África, ou ainda na Cidade de Lago Salgado, ele ali está.

Oh, se apenas pudéssemos aprender esta lição e voltarmos para o seu profeta vivo na terra! Nestes nossos dias e época, o único cami-

nho para seguir o Senhor Deus e fazer a sua vontade é seguindo o seu profeta vivo. Isto não é possível citando profetas mortos ou ignorando ou atacando os profetas vivos. Seguir o profeta de hoje, o Presidente Harold B. Lee, é a única segurança real que podemos encontrar nestes tempos decadentes.

Continuemos a história de José e talvez possamos aprender como lidar com situações difíceis seguindo o exemplo dele. As Escrituras contam que José resistia firmemente contra as investidas da mulher de Potifar; mas, um dia, entrando na casa para “fazer o seu serviço”, aconteceu que “nenhum dos da casa estava ali”. (Gên. 39:11)

Bem, isto é sempre uma situação perigosa e deve ser evitado a todo custo. A mulher de Potifar mostrou-se particularmente insistente, chegando mesmo a segurá-lo pelas vestes a fim de atraí-lo para si. José, porém, fez o melhor que pôde em tais circunstâncias. Conforme o relato das Escrituras, “... ele deixou o seu vestido na mão dela, e fugiu, e saiu para fora.” (Gên. 39:12), ou na linguagem de hoje — ele **deu no pé**.

Talvez isto não seja muito bonito, mas às vezes “dar no pé” é a única saída que nos resta. E aquele foi um desses casos. Estou certo de que José não sabia que ia estar sozinho com ela, pois do contrário não teria entrado na casa. Eu tenho muita fé em José.

A coisa mais importante que podemos fazer é evitar situações comprometedoras. Se não as evitarmos, correremos o risco de ser derrotados.

Sei por experiência própria que é

muito arriscado voar pouco acima do nível das árvores, pois passei vinte e seis anos pilotando aviões da Marinha. Era um bocado excitante provar a que altura mínima eu conseguiria voar acima do arvoredo, e também extremamente perigoso. Quando se voa quase “raspando” as copas, basta o motor engasgar uma vez para a gente se arrebentar no meio das árvores.

Façamos de conta, agora, que na Marinha há um mandamento: “Não arrebentarás teu avião contra as árvores.” E de fato, eles têm um mandamento desses. A fim de estar realmente livre desse mandamento, torna-se necessário a gente acrescentar um mandamento seu ao da Marinha: “Não voarás a menos de 1500 m de altura do nível das árvores.” Fazendo assim, a gente torna muito mais fácil obedecer ao mandamento da Marinha, além de aumentar enormemente o fator segurança.

Admitamos, o segundo mandamento é de nossa própria autoria, e devemos cuidar de não confundí-lo com a lei e expô-lo **como sendo** a lei. Mas é sim, um mandamento próprio, inventado por nós para a nossa proteção; e se formos fazer dele uma pregação, é preciso deixar isto bem claro:

Devemos evitar deliberadamente nos colocar em situações em que podemos ser vencidos pela tentação. A advertência de Paulo: “Abstende-vos de toda a aparência do mal”, representa sem dúvida um acréscimo ao mandamento do Senhor que diz: “que renunciéis a todo mal” e “não vos embarceis no pecado.” (D & C 98:11; 88:86) Mas, seguindo a adver-

tência de Paulo, veremos que se torna muito mais fácil cumprir o mandamento do Senhor.

É de extrema importância que os jovens solteiros ergam barreiras contra a tentação para ajudá-los a evitar situações comprometedoras. Permiti-me sugerir apenas algumas.

1. Jamais ficar em casa sozinho com alguém do sexo oposto.

2. Nunca, jamais entrar num quarto de dormir sozinho com pessoa do sexo oposto.

3. Evitai chamegos e agarramentos. É preciso admitir que em lugar algum das Escrituras o Senhor diz isto, eu bem sei. Mas ele disse: “Não adulterarás, nem fornicarás ou coisa semelhante”.

4. Nunca ficar somente a dois num lugar ermo.

5. Não ler material pornográfico.

6. Evitar os filmes “impróprios” e os cinemas chamados “drive-in”.

7. Não permanecer em casas de jogo, botequins, **boites**, e similares.

Estes são apenas alguns mandamentos pessoais que podeis adotar, sem dúvida. Seria aconselhável que fizésseis vossa própria lista de mandamentos específicos, como por exemplo: “Nunca mais aceitarei um convite do João.” Esses mandamentos devem basear-se em vossas próprias experiências passadas e vossas fraquezas particulares.

Naturalmente não existe nenhuma garantia de que tais barreiras resistirão invariavelmente — algumas podem cair; pode acontecer levardes um escorregão quebrando assim um mandamento estabelecido por vós mesmos. Se e quando isto acontecer, lembrai-vos de José e segui o exem-

plo dele. Sempre é possível a gente “dar no pé” e safar-se da armadilha. Safai-vos antes que o mandamento do Senhor seja quebrado.

Sim, José fugiu e por causa disso foi jogado temporariamente na prisão, excluído da sociedade; mas, se não tivesse fugido, tornar-se-ia um prisioneiro eterno, excluído da presença de Deus talvez para sempre, porque não estaria em condição de receber as necessárias comunicações que o tornaram o grande profeta que foi.

O Senhor tem guardado tão grandes e imensas bênçãos para a juventude de Sião de hoje, bastando apenas que se torne merecedora andando em retidão diante dele. Segundo está escrito: “As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam.” (I Cor. 2:9) Bênçãos assim só podem ser obtidas através da obediência a seus mandamentos.

“Há uma lei, irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos.

“E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia.” (D&C 130:20-21)

“Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.” (João 14:15)

Oro para que possamos andar em retidão porque amamos o Senhor, pois sem dúvida esta é a razão justa. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Converso

Histórias das Autoridades Gerais

Élder Sterling W. Sill, Assistente do Conselho dos Doze

Uma das primeiras regras para o sucesso de liderança diz que a pessoa precisa ser um converso antes de poder ser líder. Esta é também uma das primeiras leis do sucesso religioso. A mais séria blasfêmia não é a profanidade mas a hipocrisia. Deus reserva a maior condenação àqueles que se aproximam dele com palavras da boca para fora enquanto seus corações estão afastados dele. O Senhor disse certa vez a seu apóstolo-líder: “Simão... quando te converteres, confirma teus irmãos.” (Lucas 22:31-32)

Simão Pedro talvez se sentisse um pouco magoado pois provavelmente achava que já se convertera, mas o incidente da mesma noite quando por três vezes negou ao Senhor, pode ter sido um indício de que até mesmo Pedro não estava plenamente convertido. Alguém já descreveu nosso mais grave problema religioso como o sermos meros “cristãos bíblicos”. Isto é, que o Cristianismo existe primordialmente na Bíblia e muito pouco dentro de nós. Tem-se dito que não é tão importante quantas vezes passamos pela escola a menos que a escola de alguma forma passe por nós. Certamente um homem ganha grandes benefícios quando entra na Igreja, porém as coisas realmente importantes começam a acontecer apenas quando a Igreja “entra” no homem.

Uma pesquisa feita tempos atrás mostrou que mais de noventa e cinco por cento das pessoas entrevistadas afirmou crer em Deus. Mas o número dos que poderiam ser contados como verdadeiros discípulos dele ou genuinamente convertidos à sua doutrina seria imensamente menor. Foi Mohandas Gandhi¹ quem afirmou certa vez que existiam 999 pessoas que acreditavam na honestidade, para cada homem honesto. Todo mundo acredita na honestidade, mas então a gente se lembra do pobre velho Diógenes² andando por Atenas com sua lanterna acesa em plena luz do dia tentando encontrar

apenas um único homem honesto!!! Se me perguntassem se eu acredito em honestidade, ficaria um tanto quanto ofendido, achando que deveriam saber que eu acredito nela. Mas, vou contar-lhes o que me aconteceu algum tempo atrás.

Voltando de carro do Arizona, tivemos que parar num posto de gasolina, e enquanto o veículo estava sendo reabastecido, uma de minhas crianças pediu:

— Pai, nós gostaríamos de tomar uma gasosa.

Então fui até a vendedora automática de refrigerantes, introduzi uma moeda de dez centavos e tirei uma garrafa. Introduzi outra moeda, e consegui a segunda. Coloquei a terceira, e tirei outra garrafa. Então houve algum enguiço no mecanismo e veio outra garrafa de graça. Assim, no final eu tinha quatro refrigerantes em troca de trinta centavos. Enquanto voltava para o carro para distribuir os refrigerantes, pensei: **De qualquer forma está bem pago.** Todavia, aqui dentro da minha cabeça eu tenho um guardazinho muito atento que se pôs a reclamar dizendo: **Ouça aqui, Sterling, se quiser de todo ser um trapaceiro, então é melhor roubar mais que dez centavos.**

Eu não sei o que teria feito se a garrafa de gasosa custasse vinte e cinco centavos, mas eu voltei e introduzi mais dez centavos na máquina. Bem, como alguém poderá afirmar se acredito ou não em honestidade? Pelo que digo, ou pelo que faço enquanto me sirvo na vendedora automática onde ninguém me vê? Ou então, como vocês podem dizer se eu creio ou não que o Evangelho é verdadeiro? Pelo que digo na reunião de testemunhos, ou pela maneira de cumprir meus deveres na Igreja?

1 Mohandas K. Gandhi, mais conhecido por Mahatma Gandhi — (1869-1948) — Líder espiritual e nacionalista hindu.

2 Diógenes (412?-323 A.C.) — Filósofo grego, um dos chefes da Escola Cínica.



Pregai o Evangelho Da Salvação

Presidente Harold B. Lee

Meus caros irmãos e amigos que porventura nos estejam ouvindo pelo rádio ou televisão. Busco a inspiração desta grande conferência durante estes breves momentos.

No dia em que a Igreja foi organizada, e pouco depois, veio a palavra do Senhor ao profeta-líder desta dispensação. Após anunciar o estabelecimento da Igreja de Cristo nestes últimos dias, nosso Senhor deu ao Presidente da mesma mandamentos e “deu-lhe poder do alto”, primeiro para trazer à luz “o registro de um povo decaído e a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo” (D&C 20:8-9); depois, para ser uma luz para o mundo e um exemplo para os membros da Igreja e para que os que não são, queiram sê-lo (D&C 45:9); terceiro, para preparar o povo para a vinda do Senhor; e finalmente, para pregar, com autoridade, a plenitude do Evangelho a todas as nações. (Vide **Documentary History of the Church**, vol. 4, p. 537)

Hoje em dia, quando a nação e o mundo enfrentam graves problemas, os homens de toda parte buscam panacéias para os males que afligem a humanidade e respostas para os problemas mundiais ainda insolúveis.

Os profetas antigos parecem ter previsto estes nossos dias de completa frustração, em que os homens

procurariam respostas nos lugares errados e as soluções para seus problemas de maneira errônea. Os profetas previram o dia em que haveria “fome sobre a terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor.” E dizia, ainda mais, o profeta: “... correrão por toda parte, buscando a palavra do Senhor, e não a acharão.” (Amós 8:11-12)

Parece que nestes dias de frustração, as perguntas nos surgem de todos os lados:

Qual a posição da Igreja com referência à superpopulação e ao controle da natalidade?

Qual a posição da Igreja em relação ao aborto?

Como devemos combater a ameaça à liberdade pelo mundo afora?

Quais são os pontos de vista da Igreja com relação à onda de crimes e aumento da delinquência juvenil?

O que fazer para fortalecer os laços familiares e reduzir a onda de imoralidade, para ensinar autoconfiança, e responsabilidade, e disciplina moral e física?

Não existirão soluções para tais problemas?

Para estabelecer o tema destas minhas breves observações, gostaria de repetir algo de vital importância que foi dito deste púlpito há quase dez anos, por um ex-presidente da Igreja, o Presidente David O. McKay:

“Nestes dias de incerteza e agitação, a maior responsabilidade e supremo dever dos povos amantes da liberdade é preservar e proclamar a liberdade do indivíduo, seu relacionamento com a Deidade, e a necessidade de obediência aos princípios do Evangelho de Jesus Cristo. **Somente assim a humanidade encontrará paz e felicidade.**” (*Improvement Era*, dezembro de 1962, p. 903)

Aí entra a questão: O que devemos de fazer a respeito disso tudo?

Quando Paulo, o apóstolo, estava aprisionado em Roma, enviou uma carta a Timóteo, dizendo:

“Que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina.

“Porque tempo virá em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências;

“E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.” (II Tim. 4:2-4)

Voltando a citar palavras do Presidente McKay:

“Hoje é exatamente tão importante como quando Paulo enviou sua mensagem de despedida a Timóteo que... os membros de toda parte **preguem a palavra, instem a tempo e fora de tempo.**

“Hoje em dia, em meio à perple-

tidade reinante no mundo, não deveria restar dúvida na mente de qualquer verdadeiro santo dos últimos dias quanto ao que deverá pregar. A resposta é clara como o sol a pino num céu sem nuvens...

"Falando claro, pois, esta é a palavra que devemos pregar — **o plano de salvação do Evangelho**.

"No presente, não é raro notar-se uma atitude apologética por parte dos homens quando se referem à necessidade de Deus governar os negócios do homem...

"Eu, porém, vos digo, pregai a tempo e fora de tempo a fé em Deus o Pai Eterno, em seu Filho Jesus Cristo e no Espírito Santo.

"Proclamai que o fundamental no plano evangélico é a santidade do indivíduo: que a obra e glória de Deus é "proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39)

"Proclamai que Deus vive, e que seu Filho Amado é o Redentor e Salvador da humanidade; que ele está à testa da Igreja que leva seu nome; que ele guia e inspira os que são autorizados a representá-lo aqui na terra...

"Pregai que a responsabilidade de proclamar este plano de vida, esta maneira de viver, este plano de salvação, cabe à inteira congregação da Igreja, mas acima de tudo aos que foram ordenados ao Sacerdócio e aos que foram chamados como líderes e servos do povo." **Improve-ment Era**, dez. 1966, p.1093)

Estas verdades eternas são tão aplicáveis no ano de 1972 como o foram quando Jesus as promulgou, e continuarão fundamentais e essenciais para o progresso e felicidade do homem enquanto perdurar a vida e o ser.

A seguir houve referência à citação de eminente educador que disse:

"Para que haja regeneração política e social no mundo, é preciso haver uma formidável regeneração dos ideais morais," (Dr. J. William

Hudson, Universidade de Missouri)

O zombador taxará imediata e invariavelmente uma declaração dessas de simplória e vinda de alguém completamente alheio às realidades de nosso tempo, como ficou demonstrado recentemente por alguns de nossos estudantes de ciências sociais, os quais aparentemente não se dão conta de que o pouco que sabem não é um perigo, desde que reconheçam quão pouco é o que sabem.

O tempo não permitirá senão umas poucas observações com referência a alguns desses espantosos desafios à nossa atual geração.

Durante as perseguições nos primórdios da Igreja, os santos indagaram fervorosamente ao Senhor como deveriam fazer frente às ameaças dos inimigos. Eis a resposta:

"Portanto, renunciad à guerra e proclamai a paz, e procurai diligentemente volver os corações dos filhos a seus pais, e os corações dos pais aos filhos." (D&C 98:16)

Seguida desta importante promessa:

"E novamente vos digo que se vos esforçardes para fazer o que vos mando, eu, o Senhor, desviarei de vós toda a ira e indignação, e as portas do inferno não prevalecerão contra vós." (D&C 98:22)

Já bem no princípio da existência da Igreja veio a palavra esclarecedora do Senhor:

"Que nenhum homem desobedeça às leis da terra, pois o que guarda as leis de Deus não tem necessidade de desobedecer às leis da terra.

"Portanto, sede sujeitos aos poderes estabelecidos até que reine aquele cujo direito é reinar, e subjugue todos os inimigos debaixo de seus pés. (D&C 58:21-22)

O inspirado profeta-líder desta dispensação expôs a fé deste povo no que denominamos as Regras de Fé:

"Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e manutenção da lei." (12.ª

Regra de Fé). Obedientes a esta declaração, mesmo em tempos de emergência nacional, prestamos obediência à autoridade civil.

Em outras palavras, foi dito aos santos que para evitar lutas com seus inimigos, eles tinham que renunciar à luta e proclamar a paz, e que isto deveria começar dentro do lar onde reinaria paz entre pais e filhos.

O Senhor fez ainda outra promessa dizendo que quando e se fosse dominada toda a ira e indignação dentro deles, os poderes de Satanás não lhes poderiam fazer mal algum.

Ele não nos deixou dúvida alguma quanto ao primeiro lugar na sua Igreja e no mundo em que tal preparação e a luta contra o mal — a não ser que seja reprimido no início — irromperiam em conflito armado.

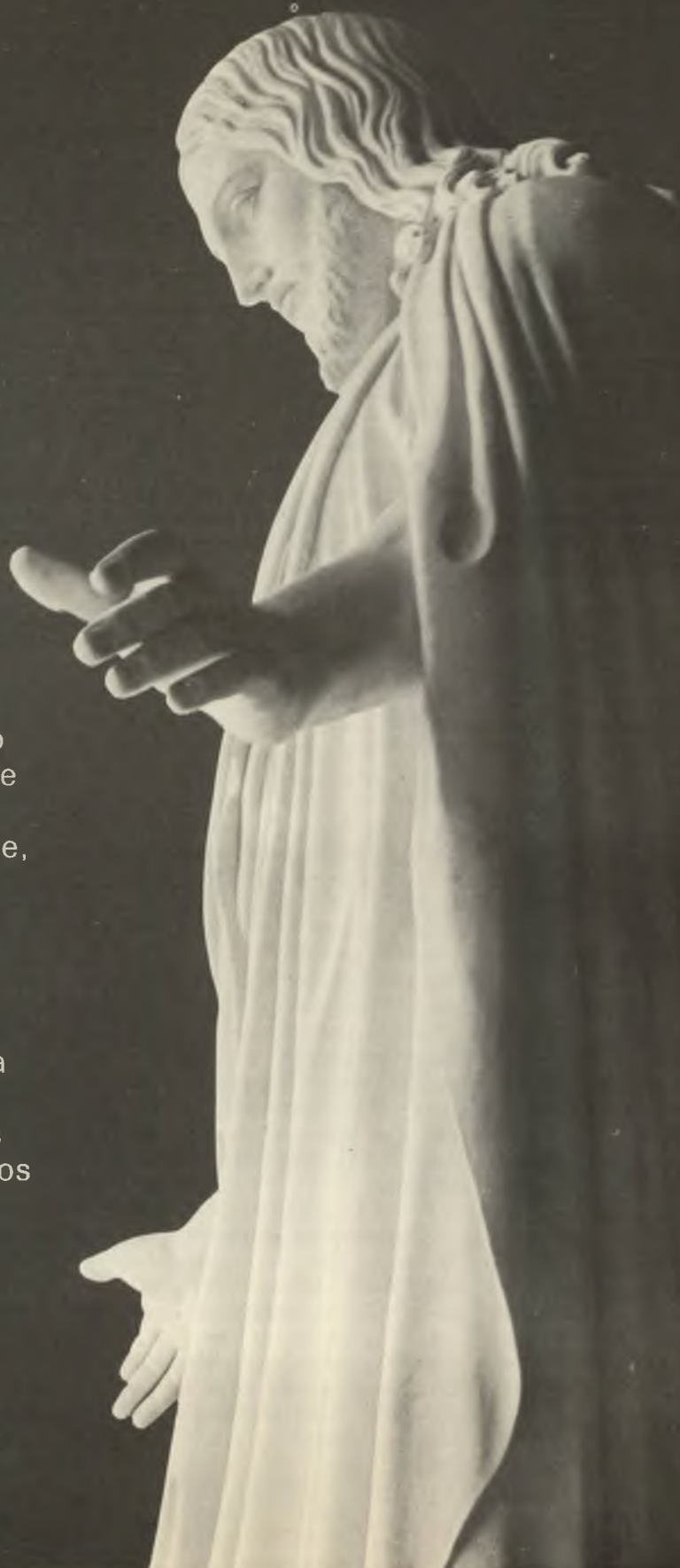
Depois de dar aos pais a lei de ensinar os filhos a andar em retidão perante o Senhor, ele demonstrou seu descontentamento com aqueles entre nós que, no dizer dele, são "ociosos... e seus filhos estão também crescendo em iniquidade; não buscam sinceramente as riquezas da eternidade, mas seus olhos estão cheios de avidez." (D&C 68:31)

Se estas palavras forem claramente entendidas, nós sabemos onde encontrar as raízes de todo o mal. Nossas crianças não foram devidamente ensinadas pelos pais dentro do lar. Nossas comunidades adotaram planos de ação que incentivam a ociosidade em lugar de dar trabalho aos que querem trabalhar para o próprio sustento, deixando de adotar medidas para assegurar que a ociosidade e o desemprego sejam reduzidos ao mínimo absoluto.

Em nossa própria época, um líder pioneiro, o Presidente Brigham Young, na qualidade de estadista pioneiro, sobre a importância do trabalho, disse:

"A experiência ensinou-me, e isto tornou-se princípio para mim, que nunca é um benefício ficar dando e

Eu concito
veementemente todo
nosso povo a que se
una sob o genuíno
estandarte do Mestre,
a pregar o
Evangelho de
Jesus Cristo tão
poderosamente que
nenhuma pessoa
realmente convertida
deixe aliciar por
esses controvertidos
conceitos e processos
contrários ao plano
de salvação do
Senhor.



dando, a homem ou mulher, dinheiro, alimento, roupa ou seja o que for, se forem fisicamente capazes e puderem trabalhar e ganhar o que precisam, onde houver na terra qualquer coisa que possam fazer. Este é o meu princípio, e procuro sempre agir de acordo. Seguir rumo oposto arruinaria qualquer comunidade e os tornaria ociosos. (**Discourses of Brigham Young** [Deseret Book Co., 1943], p. 274)

Agora vou desviar-me do assunto por um instante e repetir uma coisa que foi dita em outra reunião igual a esta poucos anos atrás, quando da instituição do nosso programa de bem-estar:

"Isto é a essência do programa de assistência social, não meramente assegurar que as pessoas sejam alimentadas e vestidas, embora saibamos que isto é importante, mas que o homem eterno seja edificado pela autoconfiança, pela atividade criativa, pelo trabalho honrado, pelo serviço ao próximo; uma geração criada na ociosidade não pode manter sua integridade." (Richard L. Evans, **Improvement Era**, vol. 39 [1936], p. 768)

"Desde o início, o objetivo de longo alcance do Plano do Bem-Estar foi edificar o caráter dos membros da Igreja, dos doadores e dos beneficiados igualmente, libertando assim o que há de melhor bem no íntimo de cada um e fazer florir e frutificar a latente riqueza do espírito, o que afinal é a missão e propósito e razão da existência desta Igreja." (Albert E. Bowen, **Church Welfare** [Deseret Sunday School Union, 1946] p. 44)

Vós, da Igreja, deveis compreender agora que, a fim de pôr em prática essas admoestações divinamente inspiradas conforme nos vieram de líderes inspirados pelos céus, foi dado aos membros da Igreja o plano de reuniões familiares para a instrução e envolvimento da família. Aliado a este, ele nos deu o plano de salvação temporal no programa

do bem-estar de âmbito geral na Igreja, no qual cada um deve contribuir com trabalho, dinheiro ou serviço na plena medida de sua capacidade e depois receber de seu acervo, do qual todo necessitado foi um produtor, podendo assim ser assistido por ele de acordo com as necessidades, sem embaraço ou reservas.

Além disso, o Senhor ordenou a instituição de atividades para jovens e crianças, e instrução para mães e pais nas organizações auxiliares e quoruns do Sacerdócio da Igreja, onde existem os meios necessários para dar a todos, segundo disse um observador de fora, referindo-se às atividades para jovens patrocinadas pela Igreja, "a oportunidade de participar de tantas coisas boas que lhes resta pouco ou nenhum tempo para coisas más."

Qualquer pessoa racional pode ver que, se estes fundamentos de sadios princípios sociais não forem empregados em toda comunidade para combate ao crime, desemprego e delinquência juvenil, as sementes de agitação e rancor nos levarão ao extremo do qual nos adverte o Senhor. Quando estes princípios do bem viver e a sua doutrina de salvação deixam de ser aplicados, só temos a esperar que os poderes do mal levem a conflitos na família, na nação e no mundo.

Aqui estão as palavras proféticas do próprio Senhor — que, em vez de paz, haveria espadas; o filho estaria "em dissensão... contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra; e assim os inimigos do homem serão os seus familiares." (Mateus 10:35-36)

Estais cientes de que isto é o que acontece hoje em muitas famílias pelo mundo afora? Terei acaso que dizer mais para nos levar de volta à plena aplicação do plano de nosso Senhor para salvar a humanidade e o mundo? Se este povo der ouvidos ao conselho de vossos líderes, tenDES a promessa de que, como diz o Senhor:

"... as portas do inferno não prevalecerão contra vós; sim, e o Senhor Deus dispersará diante de vós os poderes da escuridão, e fará sacudir os céus para o vosso bem e para glória do seu nome." (D&C 21:6)

Ousamos também convidar os homens de bem de toda parte da terra, que sigam um rumo semelhante para benefício de toda a humanidade.

Mas agora os membros desta igreja, no mundo inteiro, têm que concentrar-se e preparar-se para o interminável combate entre as forças da retidão e as forças do mal. O profeta Joseph Smith fez aos Doze a seguinte afirmação nascida da própria experiência e da qual muitos de nós, desde então até hoje, podem testificar:

"Vós tereis que passar por toda espécie de provações. E é realmente tão necessário que sejais provados como o foi para Abraão e outros homens de Deus, e... Deus irá em busca de vós e se apossará de vós e vos arrancará as próprias cordas do coração, e se não sois capazes de agüentá-lo não estais qualificados para uma herança no Reino Celestial de Deus." (John Taylor, **Journal of Discourses**, vol. 24, p. 197)

E novamente, mesmo havendo pobreza abjeta em certos países superpovoados, nós afirmamos ser um abominável pecado perante Deus adotar medidas restritivas em desobediência ao mandamento divino existente desde o início dos tempos: "... multiplicai-vos e enchei a terra". Os que projetam tais medidas de impedir ou destruir vidas antes ou após o nascimento, certamente colherão a tempestade da retribuição divina, pois Deus não se deixa escarnecer.

O que se precisa urgentemente é de um movimento mundial, com todos os recursos possíveis, para superar a ignorância existente entre esses povos infelizes onde é imperativo que se adotem os princípios

fundamentais do bem viver e do autodomínio e sadios princípios econômicos, pautados pelo plano de salvação do Senhor.

Esta igreja tem que estar na vanguarda mostrando o caminho. E se fizermos isto, começaremos a ver o início do cumprimento da antiga profecia pela qual, como disseram os profetas, “se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes... e concorrerão a ele todas as nações. E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor... para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor.” (Isaías 2:2-3. Vide também Miquéias 4:1-2)

Com respeito às dissensões políticas entre as nações, diríamos que se orássemos seriamente para que esta e as outras nações fossem levadas a adotar sistemas governamentais que respeitem as liberdades civis e políticas e vivessem de acordo, então poderíamos aguardar esperançosamente o cumprimento da antiga profecia de Isaías e Miquéias à qual já me referi — que “de Sião sairá a Lei e de Jerusalém a palavra do Senhor”. Quando esse dia chegar, então as bênçãos e liberdades do mundo livre estarão realizadas.

Agora uma palavra final sobre um dos grandes perigos de certas doutrinas amplamente difundidas dos inimigos das liberdades, que, foram caracterizadas, em essência, por nosso querido profeta-estadista, o Presidente J. Reuben Clark Jr., como nada mais que “uma canhestra tentativa de Satanás de falsificar o plano de Ordem Unida do Senhor, segundo o definem as Sagradas Escrituras.” O nosso atual plano de bem-estar poderia ser encarado como um exercício de “apronto” para ver até onde esta igreja esta preparada para viver aquele plano, de modo que se repita a realização prazerosa de um povo deste continente, segundo re-

velam antigas Escrituras que denominamos o Livro de Mórmon. Depois de todos se terem convertido ao Senhor, não mais “havia ricos nem pobres, escravos nem livres, mas eram todos... participantes do dom celestial” e “sem dúvida não poderia haver povo mais ditoso” sobre a face da terra (IV Néfi 3,16), por viverem plenamente a lei de sacrifício e consagração.

Existem na Igreja certas pessoas bem-intencionadas que se arrogam substituir os sublimes princípios do Evangelho de Jesus Cristo e o reino de Deus pelo que alguns têm taxado de “cultos” — causando, por maior que seja sua sinceridade, só confusão usando outros organismos para combater tais perigos em lugar das organizações do Sacerdócio de Deus. Agindo assim, fizeram irmão voltar-se contra irmão dentro da Igreja, minando assim a unidade da maior arma já providenciada pelo Senhor contra esses males, através das organizações do Sacerdócio da Igreja e reino de Deus. Alguns desses grupos, adotando medidas e processos espúrios, deixaram-se desviar e apostataram, e foram excomungados da Igreja.

Se seguirmos a liderança do Sacerdócio, o Senhor cumprirá a promessa contida no prefácio de suas revelações, quando Satanás tiver poder sobre o seu próprio domínio. Eis o que prometeu: “... o Senhor... terá poder sobre os seus santos, e reinará no seu meio, e descerá para julgar... o mundo.” (D&C 1:36)

Eu concito veementemente todo nosso povo a que se una sob o genuíno estandarte do Mestre, a pregar o Evangelho de Jesus Cristo tão poderosamente que nenhuma pessoa realmente convertida se deixe aliciar por esses contróvertidos conceitos e processos contrários ao plano de salvação do Senhor.

O Senhor reina de fato no meio dos seus santos através do seu Sacerdócio, o qual delega ao homem, e

não através de outras organizações terrenas, como essas a que me referi.

Para concluir, gostaria de oferecer uma humilde oração em favor da Igreja e da nação e do mundo. Reconheço que há muito mais que poderia ser dito, mas peço que me concedais esta prece unindo a vossa fé com a minha por uns breves momentos:

“Nosso celestial e eterno Pai, ouve nossa oração neste dia e santifica para o nosso bem tudo o que está sendo feito pelos homens e mulheres justos na Igreja e em todo o mundo para frustrar os males que assolam o mundo como uma avalanche. Incentiva em nós o zelo para que o teu grande plano de redenção seja levado a toda nação, tribo, língua e povo, com vistas ao glorioso dia da concretização de tua profecia quando a terra se encherá da verdade como as águas cobrem o mar.

“Imploramos a proteção do teu onipotente poder para os fins concordados com teu propósito concernente a nós e à tua obra. Colocamos sob a guarda do teu olhar vigilante e rogamos que nunca nos abandonas, e continues a dar-nos a necessária orientação para a consumação de teus propósitos.”

A esta humilde prece acrescento meu testemunho para os membros desta Igreja e para o mundo de que, por meio da expiação do Senhor Jesus Cristo, “toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho”. (3ª Regra de Fé)

Esta, na qual estamos engajados, é em verdade a obra do Senhor. Ele vive e está sempre pronto a se achar a nós, desde que nos preparemos para ser dignos de estar perto dele.

Por minha própria experiência pessoal, sei que isto que declaro com plena consciência é verdade, e faço-o em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.



ALTAR, TENDA, POÇO

Presidente A. Theodore Tuttle,
do Primeiro Conselho dos Setenta

Então [Isaque] edificou ali um altar, e invocou o nome do Senhor, e armou ali a sua tenda; e os servos de Isaque cavaram ali um poço.” (Gên. 26:25)

Altar, tenda e poço. Isaque não chegou a ser um Abraão ou um Jacó. Não atingiu a estatura de Abraão, chamado o “pai dos fiéis”. Tampouco foi notável como seu filho Israel, o pai das doze tribos. Contudo Isaque é amado e reverenciado. Ele adorou a Deus, cuidou de seu lar e fez seu trabalho. É lembrado simplesmente como um homem de bem. A eloqüente singeleza de sua vida e sua singular capacidade de dar importância às coisas corriqueiras tornaram-no grande.

Altar, tenda, poço — sua adoração, seu lar, seu trabalho. Estas coisas

básicas da vida significavam sua relação para com Deus, sua família e seus semelhantes. Toda pessoa na terra é afetada por estas três coisas.

Isaque fazia sua devoção diante de um altar de pedra. Ali buscava resposta para as questões da vida: De onde vim? Por que estou aqui? Para onde vou?

São perguntas que todo homem faz. São perguntas que permanecem em nós.

As Escrituras bíblicas, por si só, não podem respondê-las. A religião revelada, entretanto, pode dar respostas claras e bem fundadas. A plenitude do Evangelho restaurado declara: Antes deste mundo existir, nós vivíamos num lar celeste com nosso Pai Celestial. Ali aprendemos, progredimos, crescemos. Ansiamos por

obter esta vida onde receberíamos um corpo físico. Após a ressurreição, retornaremos à presença de nosso Pai, unidos em uma família eterna. Tudo isso, pela obediência aos princípios e ordenanças do Evangelho restaurado.

Sabemos, por revelação, que nosso Pai vive. Jesus é o seu Primogênito no mundo espiritual — o Unigênito na carne. Ele é o Cristo, nosso Salvador e Redentor. Sua obra e sua glória é “proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem”. (Moisés 1:39)

Nós sabemos que ele vive, pois apareceu aos homens em nossa época para estabelecer esta obra dos últimos dias. Hoje, há profetas e apóstolos vivos sobre a terra, chamados por Deus e ordenados para o cum-

A relação do homem com seu Deus, sua família e seus semelhantes

primento de seus divinos propósitos. Sua única e verdadeira igreja é a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e o seu profeta eleito, o Presidente Harold B. Lee. Graças ao Senhor pela revelação moderna, que dá respostas bem fundamentadas para as importantes questões da vida nas quais encontramos a paz.

A fim de conhecer a palavra e as obras de Deus, Isaíque, em seus dias, ajoelhava-se diante do altar. Sua tenda, o lar dele e da família, era-lhe sagrado, como nossos lares também o são.

O lar, para os santos dos últimos dias, é um lugar sagrado, moldado segundo o lar celestial do qual viemos. O lar dirigido pelo Sacerdócio é a mais elevada unidade espiritual que conhecemos.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é uma igreja dirigida primordialmente à família. Seu trabalho missionário procura trazer famílias para a Igreja. Ensinamos os princípios e realizamos ordenanças destinados a unir a família para a eternidade. Em verdade podemos dizer que o supremo propósito desta igreja é aperfeiçoar e exaltar a família.

Hoje em dia existe um equívoco generalizado a respeito do papel do pai, da mãe e dos filhos. O Profeta Joseph Smith explicou que o destino da família é viver todos reunidos como unidade familiar na glória ce-

lestial. Para se entender os respectivos papéis, é preciso compreender a natureza eterna da vida humana — a existência pré-mortal, o propósito da vida atual, e o futuro destino. A nossa religião compreende estas coisas e mais ainda.

O homem é o cabeça do lar. Ele deve presidir e administrar seus negócios "com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido." (D&C 121:41-42)

A mulher é o coração do lar. "E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele." (Gên. 2:18)

"E serão os dois uma só carne..." (Marcos 10:8)

Um dos mais nobres servos do Senhor, o Presidente J. Reuben Clark Jr., definiu o papel da mulher na perspectiva eterna. Falando de Eva, ele se refere a todas as mulheres:

"Assim veio Eva, uma adjutora para a missão sacerdotal de Adão; o último ser criado na criação do mundo... Adão levou-a em sua pureza, em sua radiante e divina beleza ao Jardim que ele cultivara e guardara para ela, ao aposento nupcial que havia construído, ao Jardim que até agora tem sido o símbolo do céu na terra, a fim de juntos iniciarem sua vida terrena, que tinha como finalidade trazer oportunidade... aos milhares de espíritos até então espe-

rando por tabernáculos mortais, que os dois (Adão e Eva) tornavam possível obter,

"...Assim, Eva veio para... ser criadora de corpos... para que os desígnios de Deus e o grande plano fossem cumpridos.

"Este era o seu chamado..."

"Desde esse dia... a mais sublime glória da verdadeira feminilidade é a maternidade.

"Que milagre é a maternidade! Quão perto do infinito está a mãe! Ela molda em seu útero a mais complexa estrutura conhecida pelo homem..."

"Esta é a tarefa e oportunidade da esposa e mãe; se ela falhar... então o grande plano fracassará e os propósitos de Deus serão frustrados... Isto nunca deverá mudar..."

"Mas, a glória total da maternidade ainda não é alcançada quando a criança chega a este mundo de provação... Ela não só a alimenta mas também a veste. Ela a cuida de dia e vela por ela à noite... Ela meigamente dirige seus passos inseguros até que aprenda a andar..."

"Assim, até que alcance a plena estatura de homem ou mulher, a mãe guia... instrui, dirige... a alma para a qual ela formou a habitação carnal, na sua marcha para a exaltação. Deus dá à alma seu destino, mas a mãe a encaminha ao longo do percurso.

"Quando as almas voltarem à presença do Pai de todos, as mães dignas lá estarão para dar as boas-vindas aos filhos dignos..." (**Imortalidade e Vida Eterna** [Curso do Sacerdócio de Melquisedeque] vol. 2, pp. 23-27)

As esposas e mães realizam o que os homens não podem fazer. Os homens se curvarão em reverência e amor diante das mães que realizam este grande e maravilhoso serviço.

Contrastemos esta visão da mulher com as atuais falácias denegridoras da maternidade e do sublime papel da mulher; que chegam mesmo a tolerar o aborto e suas deploáveis conseqüências; que pretendem rejeitar o papel que Deus lhes designou. Seria difícil imaginar-se um papel mais sublime para a mulher e seu lugar no plano eterno do que o ensinado na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Considerai isto com todo cuidado, eu vos peço, pois é de Deus.

A responsabilidade paterna não pode ser negligenciada, nem tampouco transferida para a escola, incluindo-se aqui as chamadas creches, escolas maternas, internatos ou semi-internatos, e nem mesmo à Igreja. A responsabilidade familiar é de procedência divina, e os pais só podem violar este decreto arriscando sua salvação eterna.

É unicamente desse relacionamento divino, proposital, entre pais e fi-

lhos que pode nascer alegria e realização eternas. Diz o Presidente Harold B. Lee: "O trabalho mais importante que podereis fazer pela Igreja, será dentro das quatro paredes de vosso lar."

No grande dia da promulgação da lei no Sinai, Deus disse ao filho: "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá." (Êxodo 20:12)

Ajoelhando-se aos pés do altar, cuidando sempre da família em sua tenda, Isaque via a maior parte de suas horas de faina consumidas na vigilância dos poços que mandara cavar. Eram eles que mantinham seus rebanhos. Sua absoluta dependência da água, do solo e da forragem que produzia, não difere muito das condições atuais, pois o homem continua dependendo de seu trabalho.

Dizem as revelações que "todo homem que for obrigado a manter sua própria família, que mantenha..." (D&C 75:28)

Já no princípio o Senhor decretou: "No suor do teu rosto comerás o teu pão..." (Gên. 3:19)

E desde a restauração em 1830, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias vem incentivando a frugalidade e fomentando o trabalho como o princípio dominante entre seus membros.

Poucos males o Senhor condenou

com maior veemência em nossos dias que a ociosidade:

"Não serás ocioso; porque o ocioso não comerá o pão nem usará as vestes do trabalhador." (D&C 42:42)

"...o ocioso será lembrado diante do Senhor." (D&C 68:30)

"...E o ocioso não terá lugar na Igreja, a não ser que se arrependa e emende seus modos." (D&C 75:29)

É preciso que o homem escolha uma ocupação condizente com os outros dois elementos do triunvirato de que falei. Que aprenda a dar um dia de trabalho honesto pelo salário honesto de um dia. Seja no campo, na oficina ou no escritório, que o homem se dê conta de que o trabalho não é um fim em si, mas um meio para alcançar um nobre fim.

Quão pouco, na verdade, as coisas mudaram desde os dias de Isaque — as coisas que realmente importam. Continua o mesmo Deus de Abraão, Isaque e Jacó, continuam os mesmos encargos familiares a cumprir, continua a mesma necessidade de trabalhar.

Altar, tenda, poço — estas são coisas essenciais. Colocadas na devida perspectiva pela palavra revelada de Deus, elas se fazem ao mesmo tempo nosso maior desafio e nossa maior realização.

Pai Celestial, ajuda-nos, teus filhos, a enxergarmos eternidade nestas coisas e agirmos de acordo. Em nome de Jesus Cristo. Amém.



Fizemos Convênios Com o Senhor

Élder ElRay L. Christiansen
Assistente do Conselho dos Doze

De como o cumprimento das promessas feitas ao Senhor nos leva à vida eterna

Se o que vou falar precisa de um título, este seria: “Fizemos Convênios com o Senhor — Então Vamos Cumprir-los.”

Na inspiradora sessão da manhã de hoje, cada um de nós teve o privilégio de fazer um convênio com o Senhor — que iria apoiar, sustentar, auxiliar e mesmo defender estes grandes homens escolhidos para dirigir a Igreja na presente hora.

Celebrar convênios com seu povo e com o homem, individualmente, tem sido sempre um dos principais meios utilizados pelo Senhor para lidar com eles.

As Escrituras nos informam que ele fez convênios com Adão, Noé, Enoque, Melquisedeque, Abraão e outros tantos, e que também fez convênios com a antiga Israel, com os Jareditas e com os nefitas.

Os santos dos últimos dias

são, sem dúvida, um povo abençoado, pois que o Senhor igualmente celebrou convênios conosco, tanto individual como coletivamente.

Convênio é um compromisso obrigatório e solene entre pelo menos duas partes. Requer que todas as partes envolvidas respeitem as condições do trato a fim de que se torne efetivo e obrigatório. A maior parte da humanidade não sabe que os sagrados convênios feitos com profetas e povos de outros tempos foram restabelecidos na terra por um **novo** convênio.

O Senhor esclareceu-nos a razão de estabelecer um novo convênio:

“Pois se desviaram dos meus estatutos e quebraram o meu eterno convênio;

“Não buscam ao Senhor para estabelecer a sua justiça, mas cada um segue o seu próprio

caminho, segundo a imagem de seu próprio Deus, a qual é à semelhança do mundo, e cuja substância é a de um ídolo, que envelhece e perecerá em Babilônia, mesmo a grande Babilônia que cairá.

“Portanto, eu, o Senhor, conhecendo a calamidade que haveria de vir sobre a terra, chamei meu servo Joseph Smith, lhe falei dos céus e dei-lhe mandamentos” — e assim por diante. (D&C 1:15-17)

E em consequência dessa revelação, o Profeta Joseph Smith tornou-se o instrumento nas mãos do Senhor para restaurar o novo e eterno convênio, que é de fato a plenitude do Evangelho, e abarca em seus poderes, seus termos e suas condições todos os outros convênios e mandamentos já dados pelo Pai ao homem na terra. (Vide D&C 132:5-7; 33:5,7)

Ele fornece o caminho para a vida eterna e mesmo para a exaltação a todos que aceitam o Evangelho e que perseveram até o fim na vivência de seus princípios e ordenanças, pois ele disse:

“E assim também mandei ao mundo o meu eterno convênio, para ser uma luz para o mundo, para ser um padrão para meu povo, para que os gentios o procurassem e para que seja um mensageiro diante de minha face e prepare o caminho diante de mim.” (D&C 45:9)

Portanto, está aqui, em sua plenitude com todos os poderes, para ser um guia, um padrão para nós e todos os homens que o aceitarem.

Visto como Deus estende seu amor a toda a humanidade, ele falou: “. . . Ó, habitante da terra: Eu, o Senhor, estou disposto a tornar conhecidas estas coisas a toda a carne; Pois não faço acepção de pessoas. . . ” (D&C 1:34-35)

E por causa disso, nós mandamos missionários aos milhares para todas as partes do mundo em que é permitido pregar o Evangelho de Jesus Cristo e batizar os crentes.

Alguns, talvez, se admirem por que o Senhor dá mandamentos e requer que entremos em convênio com ele. Ou, como perguntou alguém:

— Se o Senhor nos ama, por que nos dá mandamentos? Se nos tem amor, por que diz: “Faze isto” ou “Não faça aquilo”?

A simples resposta para tais perguntas é: Ele nos dá manda-

mentos porque nos ama. Sabe perfeitamente o que nos dará paz e sucesso na vida individual e coletiva, e o que provocará o contrário.

Exatamente como qualquer pai procura dirigir (e mesmo restringir) a conduta dos filhos para o benefício deles, nosso Pai nos céus dá-nos mandamentos, leis e convênios, não objetivando unicamente impor-nos restrições ou fardos, mas antes para que possamos, por meio da obediência a princípios corretos, encontrar paz e sucesso.

Na realidade, nós não **temos** que fazer aquilo que o Senhor ordena, mas não podemos obter as recompensas e bênçãos prometidas sem que o façamos.

“Pois todos os que receberem uma bênção de minhas mãos, obedecerão às leis e condições que, desde antes da fundação do mundo, foram instituídas para o recebimento daquelas bênçãos.” (D&C 132:5)

Todo membro da Igreja fez convênios com o Senhor. Esses mandamentos e convênios não são duros nem pesados. Pelo contrário, eles nos iluminam, elevam, ajudam e infundem confiança. São instrumentos de ação voluntária de nossa parte que nos ajudam a concentrar nossos esforços na realização do propósito da vida e a alcançar nossa meta final.

Nós firmamos o primeiro convênio quando somos batizados e confirmados membros da Igreja. As condições sob as quais a pessoa se candidata ao

Se o Senhor nos ama, por que nos dá mandamentos? Se nos tem amor, por que diz: “Faz isto” ou “Não faz aquilo”?

batismo e as obrigações de membro após o batismo, devem ser entendidas por todo mundo, e incutidas em todos, tanto jovens como velhos. O Senhor deixou esses requisitos e expectativa medianamente claros nestas suas palavras explicativas:

“...Todos aqueles que se humilharem diante de Deus, e desejarem batizar-se, e vierem com corações quebrantados e espíritos contritos, testificando diante da Igreja que se arrependeram verdadeiramente de todos os seus pecados e estão dispostos a tomar sobre si o nome de Jesus Cristo, como firme propósito de servi-lo até o fim, e manifestam verdadeiramente por suas obras que receberam o Espírito de Cristo para a remissão de seus pecados, serão recebidos por batismo na sua Igreja.” (D&C 20:37)

Assim pois, ao preparar-se alguém para o batismo, ele tem que reconhecer que existem obrigações e convênios específicos associados ao recebimento dessa sagrada ordenança.

Quando participamos do sacramento da Ceia do Senhor, entramos em solene convênio de obediência aos seus mandamentos e testificamos ao Senhor que tomaremos sobre nós o seu nome e sempre nos lembraremos dele e guardaremos os mandamentos que ele nos deu. O sacramento deve ser tomado com solene seriedade e consciência.

E novamente, quando concordamos em que nos seja con-

ferido o Sacerdócio, comprometemo-nos com o Senhor a honrá-lo por meio de uma vida decente e justa, e magnificando o ofício sacerdotal conferido no serviço ao próximo, sempre tratando todos os homens com bondade, consideração, cortesia e amor.

Bem, se guardarmos o convênio do batismo, e honrarmos o Sacerdócio e seus convênios, e em outros aspectos vivermos em conformidade com os princípios do Evangelho, então poderemos ter o grande privilégio de entrar em um dos templos sagrados recebendo ali as ordenanças maiores do Sacerdócio e, no seu devido tempo, entrar na ordem do Sacerdócio conhecida como o “novo e eterno convênio do casamento”, com a promessa de que, se formos fiéis aos convênios celebrados, ressurgiremos com os justos na manhã da primeira ressurreição para viver, ao lado de nossos cônjuges, nossos filhos e nossa posteridade em infinita felicidade desde que, obviamente, eles tenham igualmente guardado os convênios que deles serão requeridos.

Quanta esperança, quanto conforto e quanta segurança esta promessa deve trazer ao coração de todos que amam a sua família! Pois certamente é verdade que “o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem... (as coisas) que Deus preparou para os que o amam.” (I Cor. 2:9)

E, naturalmente, ele disse que aqueles que o amam, guar-

dam os seus mandamentos e convênios.

O Presidente Joseph F. Smith lembra-nos de que “não podemos negligenciar, desrespeitar, ou ignorar o espírito, sentido, intento e propósito desses convênios... que celebramos com nosso Pai que está nos céus, sem nos privarmos (ou despojarmos) de nossa glória, força e direito titular às suas bênçãos e aos dons e manifestações de seu Espírito”. (**Improvement Era**, volume 9 [Agosto 1906], p. 813)

Pois que Deus certamente não se deixa escarnecer!

Vou repetir, cada um de nós fez convênios com o Senhor e concordou perante Deus em lugar sagrado que observará suas leis que, afinal, são os princípios pelos quais temos que aprender a viver de modo a nos qualificarmos para o maior de todos os dons de Deus, que ele próprio disse ser a vida eterna, nossa vida no “reino familiar”.

Eu vos testifico, meus irmãos, que eu sei que Deus vive e que, por causa do amor que nos tem, condescendeu em firmar convênios conosco a fim de nos poupar fracasso, sofrimento, remorso, e para que possamos atingir a plenitude de glória prometida àqueles que são fiéis e perseveram até o fim.

Meus irmãos, nós somos um povo celebrador de convênios; portanto sejamos também um povo cumpridor dos convênios feitos, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

E Quanto Aos Sentimentos Feridos, O Que Fazer

Robert J. Matthews

“É impossível que não venham escândalos, mas aí daquele por quem vierem!”
(Lucas 17:1)

As Escrituras são um guia para que não ofendamos aos outros e também para que consigamos suportar as aflições e ofensas que sofreremos às mãos dos outros.

Jesus ensinava: “Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra.” (Lucas 6:29)

“E se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.

“Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.

“Pois, se amardes os que vos amam, que galardão haveis?

“E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? não fazem os publicanos também assim?” (Mateus 5:41, 44, 46-47)

Em uma das revelações modernas, diz o Senhor:

“Os meus discípulos, nos dias antigos, procuraram pretextos uns contra os outros, e em seus corações não se perdoaram; e por esse mal foram afligidos e dolorosamente castigados.

“Portanto... aquele que não perdoa a seu irmão as suas ofensas, está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece pecado maior.

“E vós devíeis dizer em vossos corações — que julgue Deus entre mim e ti, e te recompense de acordo com as tuas obras.” (D&C 64:5-9, 11)

“Sê paciente nas aflições, não injuries aos que te injuriarem. Governa a tua casa com brandura e sê constante.” (D&C 31:9)

Paulo exortava os santos:

“Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias e toda a malícia seja tirada de entre vós.

“Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos...” (Efésios 4:31-32)

“Revesti-vos pois, como eleitos de Deus, ... de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade;

“Suportando-vos uns aos outros, e perdoadando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro...”

“E a paz de Deus... domine em vossos corações...” (Col. 3:12-13, 15)

Paulo aconselha Timóteo a sofrer “as aflições como bom soldado de Jesus Cristo” (II Tim. 2:3); e ensinava aos santos: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus... com(a) qual podereis apagar os dardos inflamados do maligno” (Ef. 6:11, 16; vide também D&C 3:8; 27:17) Os “dardos inflamados” são lançados muitas vezes em forma de palavras e atos ofensivos contra uma pessoa que procura cumprir os mandamentos de Deus.

Pedro dizia em uma de suas missivas:

“Amados, peço-vos...”

“(Tende) o vosso viver honesto entre os gentios; para que, naquilo que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus pelas boas obras que em vós observem.

“Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo bem, tapeis a boca à ignorância dos homens loucos;

“Porque, que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis; mas se, fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus.

“...pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas.

"O qual, quando o injuriavam, não injuriava..." (I Pedro 2:11-12, 15, 20-21, 23)

E disse Pedro ainda:

"E, finalmente, sede todos de um mesmo sentimento, compassivos, amando os irmãos, entranhavelmente misericordiosos e afáveis. Não tornando mal por mal, ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo..." (I Pedro 3:8-9)

Os sentimentos feridos nascem frequentemente da autopiedade e levam ao amuo. O malvado Rei Acabe demonstrava esta característica que é indicação de imaturidade espiritual. Ofendido porque Nabote se negou a vender-lhe certa vinha, Acabe voltou "desgostoso e indignado à sua casa... deitou-se na sua cama, e voltou o rosto e não comeu pão." (I Reis 21:4)

Além disso, os orgulhosos e soberbos não suportam uma repreensão justificada. Costumam permitir-se suscetibilidades e então se rebelam. Lamã e Lemuel são um bom exemplo. Eles se ressentiam da liderança e instruções dirigidas ao irmão mais moço, Néfi. A suscetibilidade deles se manifestava em reclamações e queixas e recusa de colaboração. O pai, Léhi, lhes disse:

"...haveis acusado (Néfi) de querer ter autoridade e poder sobre vós..."

E... haveis murmurado por ele vos ter falado claramente. Vós dizeis que ele foi severo, que se zangou convosco. Sua severidade, porém, era devida à severidade da palavra de Deus... e o que chamais de ira era a verdade, segundo se acha em Deus..." (II Néfi 1:25-26)

O Rei Acabe mostrou a mesma pequenez d'alma ao ficar mais preocupado com seu orgulho do que com a verdade. Por isso, disse de Miquéias, o profeta: "...eu o aborreço, porque nunca profetiza de mim bem, mas só mal..." (I Reis 22:8)

Pelas Escrituras podemos ver que a pessoa orgulhosa e egoísta provavelmente se mostrará ofendida quando sofre perseguição ou mesmo quando é justamente repreendida; enquanto que a pessoa humilde é mais apta a sentir-se grata pela reprimenda e também suportará pacientemente a perseguição, rogando ao Senhor que lhe dê forças para perseverar na fé.



Três Novas Estacas Em São Paulo:

Santos

Campinas

São Paulo Oeste



O Elder Hunter esteve presente em todas as conferências.

Com a realização de seguidas conferências e contando com a presença do Élder Howard W. Hunter do Conselho dos Doze, a região de São Paulo foi abençoada com a organização de três novas estacas.

Agora existem no estado de São Paulo 6 estacas: Estaca São Paulo, Estaca São Paulo Leste, Estaca São Paulo Sul e as novas Estaca de Santos, Estaca de Campinas e Estaca São Paulo Oeste.

Os membros da baixada santista se reuniram no dia 8 de junho de 1973 e em número superior a 1.200 santos apoiaram a criação da Estaca de Santos, proposta pelo Élder Finn Paulsen, representante regional dos Doze. Como presidente da estaca foi apoiado o irmão José Gonzales Lopes e como seus conselheiros os irmãos Adriano Silva e Donald Clark.



A Presidência da Estaca São Paulo Oeste.



A Presidência da Estaca de Santos.

No dia seguinte, 9 de junho foi a vez dos santos da região de Campinas, Itu, Sorocaba e Jundiaí se beneficiarem com a organização da Estaca de Campinas, a reunião foi realizada na capela de Campinas e contou com a presença de cerca de 600 pessoas, na ocasião foi apresentado para apoio da congregação o nome do irmão Nelson De Genaro como presidente da nova estaca, tendo como conselheiros os irmãos Ney Tobias Garcia e Gilberto Barone.

No domingo, dia 10 de junho foi realizada uma conferência especial para todos os membros da capital e do ABC, e o local escolhido foi o palácio das convenções do Parque Anhembi, já que uma capela normal não poderia receber o número de irmãos que atendeu à essa conferência. Durante a reunião foi apresentada para apoio dos irmãos a organização da Estaca



A Presidência da Estaca Campinas.

São Paulo Oeste, que foi criada pela junção das Ala II, XIII, Ramo de Sta. Catarina e Ramo de Jardim da Saúde da Estaca São Paulo Leste e das Ala III e XII da Estaca São Paulo. Como presidente da nova estaca foi chamado o irmão José Benjamin Puerta e como seus conselheiros os irmãos Fernando A. Magalhães e Wilson Sanches Netto. Na oportunidade foi reorganizada a Estaca São Paulo Leste, sendo chamado como presidente o irmão Osiris Grobel Cabral, tendo como conselheiros os irmãos Demar Staniscia e Rodamés Sceppa.

A Estaca São Paulo continua sendo presidida pelo irmão Walter Spät, e na conferência foram apoiados seus novos conselheiros, irmãos Darcy Correa e Manuel Marcelino Netto.

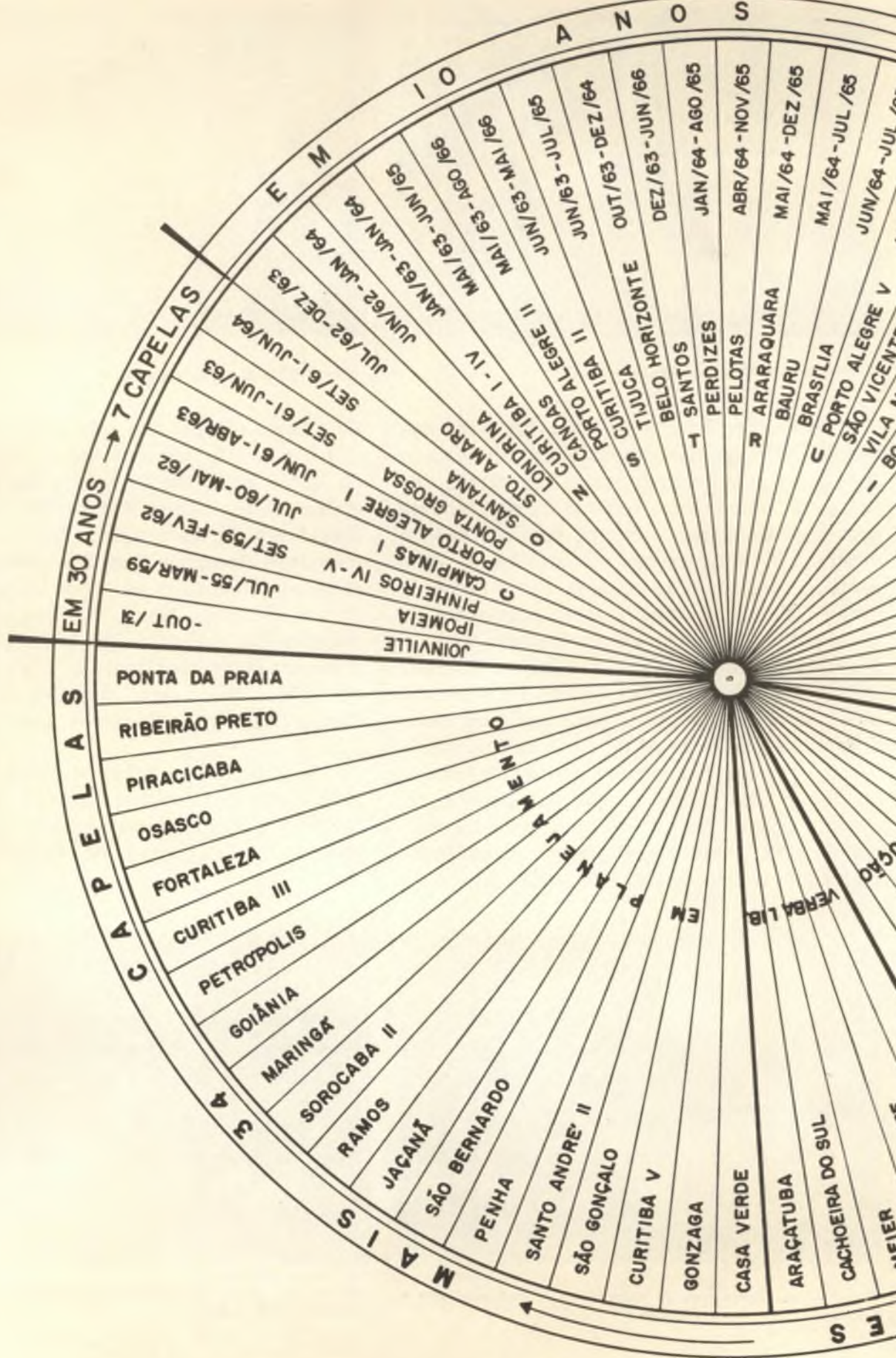


O Pavilhão das Convenções do Anhembi, foi o local ideal para a conferência das estacas paulistas.



Milhares de irmãos compareceram à conferência especial das estacas de São Paulo.

CAPELAS NO BRASIL





com
48
CONSTRUTORES
permanentemente,
pode-se
completar

SE VOCÊ,
jovem rapaz,
quer
participar
deste programa
como construtor,
fale com
seu Bispo.

"...O SENHOR NUNCA DA ORDENS AOS FILHOS
DOS HOMENS SEM ANTES PREPARAR
O CAMINHO PELO QUAL SUAS ORDENS
PODERÃO SER CUMPRIDAS."

